



## CARTA II.

DE

*Egas Monis Coelho.*

I.

**B**em satisfeita ficades  
Corpo d'oiro;  
Alegrade a quem amades  
Que ei já moiro.

II.

Ei bos rogo bos lembredes  
Que bos quige,  
A que dolos nom abedes  
Que bos fige.

III.

Cambastes a Pertigal  
Por Castilla;  
Abasmades o mei mal,  
Que ddr me filha.

IV.

Granhais-me por Castijanos,  
Epestineque  
Achantais me binte enganos  
Que me segue.

V.

Bedes moiro, bedes moiro,  
Biolante,  
Longe ba o cestro agoiro  
Por diante.

VI.

Vos bibede hũ Centanairo  
Muy garrioso  
Q'ei me boy pera trintauro  
Lagrimoso.

VII.

A se a bossa Eemembrança  
Ei bier,  
Dizei Egas tem folgança  
Hum Xiquer.

VIII.

A se ouvirdes na mortulha  
Os Campaneiros  
Retouçade na murmulha  
Os meis marteiros.

IX.

Quando ouvirdes papear  
O Castejom  
Membre-bos lhe fige dar  
Ja de cotom



## X.

A que bos quige, e requige,  
Como ber,  
A nunca em coisa vos fige  
Desprazer.

## XI.

Nom bos podo maes falar  
Qua nom falejo,  
Cá bem podedes asmar  
Qual ei sejo.

## XII.

Tenho todo a arcaboigo  
Sem feyçom  
Mas ei bos bejo, e oyo  
No coraçom.

## XIII.

Bedes me boy descahindo  
Nesta hora;  
Bos amor fincade rindo  
Muito embora.

## NOTAS.

## AO QUARTETO 1.º

*Ficades*: Ficaes; veja-se a Nota I. ao Quarteto I. da Carta I.

*Alegrade*: alegrai na segunda pessoa do plural do imperativo do verbo *alegrar*, usado serapre em nossa lingua: conforma com o latim *Laelitia* e *Laelari*; e com o Vasconso *Alegueria*, e *Alegria*, alegria, prazer; e *Alegueratu* alegrarse. Quanto á terminação em *ale* veja-se a Nota VII. á Quintilha I. da Canção de Gonçalo Hermigues.

Aqui bastará trazer para exemplo o lugar do Nobiliario Tit. VII. p. 49 = *E disto foy miú lido, e dice aos Fidalgos: alegrate-vos e esforceade os Corações.*

*Anades*: amais; sobre a terminação veja-se a Nota I. ao Quarteto I. da Carta I. O Castelhana dizia *Non jure-*

*dis mentira por quanto vos amades.* Collec. de Sanches Tom. II. p. 467.

*Moiro*: morro; era vulgar dizer moiro por morro ainda no Seculo XVI. como em um Vilancete de D. João de Menezes no Cancioneiro fol. 18

*Assi moiro manso, manso,  
Nunca leixo de pensar  
Perguntais-me de que moiro  
Nam no ouro de dizer.*

e Nuno Ferreira no mesmo Cancioneiro fol. 33. V.

*Se moiro por casardes  
Se pena nisso rrecebo.*

Disse-se tambem *mouro* por *morro* como em Gil Vicente Liv. V. p. 227.

*Datou-me Moura e não mouro  
E quem ma lançada deu  
Moura elta, e moura eu*

e é vulgar nos Poetas do Seculo XV. e XVI.

*Ei bos*: Eu vos. Veja-se as Notas VI. ao Quarteto I. da Carta I. e II. á Quintilha I. de Gonçalo Hermigues.

## NOTAS

## AO QUARTETO 2.º

*Lembrede*s: Lembreis; segunda pessoa do plural do presente do modo conjunctivo do verbo *Lembrar*, um dos mais usados em nossa lingua: diziamos *lembrar* e *membrar*. Nunes põe este termo entre os nossos originaes: com tudo parece vir do Latim *memini*, de que fizemos *membrar*, e depois *lembrar*: quanto á terminação veja-se o que já notamos na Nota I. ao Quarteto I. da 1.ª Carta.

*Que*: assim Andrada, e o MS. Portuense; Faria diz: *Ca*.

*Quige*: quiz, amei; preterito perfeito do verbo *Querer* no modo indicativo na terceira pessoa do singular: a maneira da conjunção é Galliziana, e della usamos em antigas escripturas em um



Codigo MS. da Livraria do Real Collegio dos Nobres:

*De quantas donos ui e mais valer  
En todo ben non a quinge dizer.*

e até nas que erão em latim, convertendo *Quije* em *Quiso* como nesta das Memorias antigas da Fundação dos Mosteiros de S. Pedro das Aquias que tras Brito na Chronica de Cister P. VII. C. 27. *Et D. Thedon cum id scivisset per Paulum Rodericis propter illum non quiso deinde Casare etc.* Vid. Not. II. ao Quarteto VIII. da 1.<sup>a</sup> Carta.

*A*: por *E* conjunção; veja-se a Cart. I.<sup>a</sup> Quarteto VIII. ultim. e as Notas

*Dolos*: veja-se a Nota III. ao Quarteto V. da Carta 1.<sup>a</sup>

*Abedes*: haveis do verbo *Haver*, que aqui está na segunda pessoa do plural do presente do modo indicativo. Já fallámos da terminação em *Edes*, na Nota I. ao Quarteto I. da 1.<sup>a</sup> Carta.

## NOTAS

AO QUARTETO 3.<sup>o</sup>

*Cambastes*: isto é, trocastes, do verbo *Cambar* trocar, permutar; o Castelhana dizia *Cambiar* tom. III. Coll. de Sonches V. 368 e 782. e *Camear* tom. I. V. 2103. e no Fuero Juzgo Liv. V. Tit. IV. L. V. vem *Cambia* por *Cambio*, ou troca; conforma com o Vasconso *Gambiatu*, trocar permutar, e *Gambia* permutação. Nós dizíamos *Cambo* por *Cambio* *Ecomprou o quarto do mosteiro da Varzea pela su erdade, que deo em Cambo por elle.* Nobiliario Tit. XI. p. 228, e tambem *Cambadores*, como traz Alcobaga ao C. 21 os mercadores e *Cambadores*: e a cada passo se acha em antigas Escripturas, no Codigo Afonsino, e em outras obras.

*Pertigal*: Portugal.

*Filha*: toma; veja-se a Nota.

*Abasmades*: não temos achado o verbo *Abasmar*, Faria o toma por desprezar, ter em pouca conta; e neste sentido quererá dizer o Poeta: Desprezais os meus males: ou tendes em pouco meus

males. No exemplar de Faria lê-se *Amade*, mas vê-se que é erro typografico, pois que elle na exposição dos Vocabulos diz *Abasmades*.

## NOTAS

AO QUARTETO 4.<sup>o</sup>

*Granhaisme*: não temos encontrado entre os nossos, nem entre os Castelhanos, e Gallegos o verbo *Granhar*: parece que significa aqui lançar fora, regeitar, o Castelhana chama *Granzas* ou *Granças* as alimpaduras do trigo, que se apartão do grão depois de joeirado, e acirandado; e por ventura daqui viria o verbo *Granzar* e *Granhar*, que significaria joeirar, e cirandar o trigo, separar o joyo ou alimpaduras, e quererá talvez dizer o Poeta em sentido metaforico que Violante o rejeitara por Castelhanos.

*Castejanos*: Castelhanos.

*Pestincque*: suspeitamos ser o sobrenome do Cavalleiro Castelhana, com quem Violante havia casado em sua ausencia.

*Achantais-me*: isto é pregais-me etc. é o verbo *Achantar*, o mesmo que *Chantar*, de que já fallámos na Nota ao V. 3. do Quarteto III. da Carta I. de Egas Monis Coelho.

*Binte*: vinte, pronunção do Dialecto Gallego, e da Provincia do Minho.

*Enganos*: este termo é muito antigo em nossa lingua; Nunes o põe entre os nativos nossos, C. XVI. p. 103: com tudo elle se acha nos monumentos da baixa latinidade, em que se diz *Engannare Engannum, Ingannum, Inganum, Ingan* etc.; no Vasconso *Enganna*, fraude, falsidade; no antigo Francez *Enginer, Engigner, Engaigner, Engiz, Enganer*. Alguns o derivam do Latim *ingenium*, outros de *Ganeum* lugar secreto; e outros de *en egana* cobiça. No Castelhana antigo dizia-se *Enganner* tom. III. Coll. de Sanches V. 712.

*Que me seque*: isto é, que me amofine: na concordancia pedia que se dissesse *Que me sequem*.



## NOTAS.

## AO QUARTETO V.

*Longe ba o cestro agoiro :*  
Semelhantermente disse depois o Con-  
del Mór Alvaro de Brito :

*A longe vaa voss agoyro*  
*Vosso goyro a longe vaa.*

Cancioneiro p. 23. V.

*Cestro* : ou *Sestro*, e *Seestro* ; adjectivo ; sinistro, esquerdo : donde *Cestro agoiro* é o mesmo, que mão agoiro ; pelo ser o que vinha da parte esquerda ; combina com o Latim *Sinister* : acha-se nos nossos muitas vezes, como em Alcobaga : *Hum adestra, e ontro á Seestra no teu reyno* ; em Camões Cant. IV. est. 25.

*Das gentes vai regendo a sestra mão.*

e ainda em tempos mais modernos, em D. Fr. Manoel :

*Arredo va de nós o sestro agoiro.*

Ainda hoje chamamos *Sestro* ao mão habito, ou má manha que alguém tem.

## NOTAS.

## AO QUARTETO VI.

*Centenario* : isto é, cem annos.  
*Trintauro* : exequias, que se fazião aos 30 dias depois da morte ; com o que quer denotar, que se vai chegando á morte : era frequente este termo nos antigos, como na Chronica do Condestabre C XVI. fol. 14. *Acabado o trintauro* etc. em Gil Vicente no Liv. IV. das Tarc. p. 219. *Mão trintauro.*

## NOTAS.

## AO QUARTETO VII.

*A* : Faria e o MS. Portuense lem *A*,

antiga conjunção, que equivale a *E*, que aqui tambem podia ser interjeição : *Andrada lê Hab.* maneira de escrever de que não temos achado exemplo, e por isso julgamos esta lição errada.

*Bossa* : vossa.

*Remembrança* : isto é, lembrança, que conforma com o latim *Memini* e *Memoro* ; e *Memoria*. O Dialecto Galliziano dizia *Nembrar*, por lembrar, como neste exemplo das Coplas em Gallego de D. Affonso o Sabio (Tom II. da Bibliotheca Espenhola de Castro p. 640) *Santa Maria nembre vos de mi*, que se repete como estribillo. O Castelhana antigo dizia tambem *Membranza* e *Remembranza* por lembrança, e memoria do passado ; e *Membrar*, *Nembrar*, e *Remembrar* por lembrar, *Membrado* por lembrado, e *Remembrador* pelo que se lembra de alguma coisa ; e nas Cantigas de D. Affonso o Sabio

*Sey de mi remembrada.*

(Castro Bibl. Esp. II. p. 641 Col. I.) de que podem ver-se alguns exemplos na Collecção de Sanches, no Tom. I. V. 210 no tom. II. Poem. dos Milag. V. 366. e tom. III. V. 70 e 276 e ainda em tempos posteriores se acha em muitos como em Encina Cant. fol. 37.

*Muchas he membranza.*

e em Marianna Liv. VI. *E trazem remembranza.* O Francez antigo usava tambem deste termo, como se vê dos versos, que traz Mr. Racine de uns antigos MSS. do Seculo XII. que ha no Mosteiro de N. Senhora de Soissons, que elle analysou na noticia que deo a Academia das Escripções, e bellas letras, tom. XVIII. das Memorias :

*A la loenge, e a la gloire*  
*En reamenbrance, e en memoire*  
*de la Roynne.*

Entre nós se disse *Nembrança* por lembrança, como se acha entre outros em Alcobaga ; e tambem *Remembrança*, como traz Azurara Cap. fol. 4.



*Ei* : eu.

*Bier* : vier.

*Folgança* : Andrade e Leitão têm com *folgança*, o MS. Portuense *Tem folgança*. Conformamo-nos com esta ultima lição; e quer dizer, *Descansa em paz*: que corresponde á formula funeral *Requiescat in pace*, e á antiga dos Romanos *Sit tibi terra levis*.

*Hum* : Andrada diz *Hu*, adverbio de que já fallamos. Faria *Hum*, lição que se deve seguir por ser a unica que concorda com o sentido da oração.

*Xiquer* : adverbio; esta é a lição de Andrada e do MS. Portuense, que é conforme á pronunciação do Dialecto Galliziano. Faria lê *Se quer*: que é o mesmo; e significa ao menos, pelo menos, assim dizemos vulgarmente: *Fazei isto se quer hũa so vez*; isto é, ao menos uma vez; e quiz dizer o Poeta, que Violante lhe dissesse em sua morte ao menos um responsorio, ou uma só vez, *Descansa em paz*.

## NOTAS.

## AO QUARTETO VIII.

*A se ouvirdes*: *A* é conjunção antiga que é o mesmo que a conjunção *E* ou tambem interjeição, que como tal a traz Andrada escrevendo *Ah*. Veja-se a Nota acima á Carta II.

*Mortulha*: enterro funeral; diziamos *Mortualha* por multidão de Cadaveres, *Mortorio* e *Mortuorio*, por funeral, e exequias funeraes.

*Campaneiros*: isto é, Campanas, ou sinos, ou antes as torres dos sinos.

*Relouço*: é o verbo *Relouçar*, que significa pastar, apascentar, resolver: o Castelhana tem *Relocar*, e se diz do animal que se revolve na relva: toma-se aqui no sentido metaforico, querendo dizer que revolva na memoria, que considere. etc. E' bom exemplo deste verbo o lugar seguinte: *O cham da qual Lapa estava muy sovado dos pes dos Lobos marinhos que aly vinhão relouçar*: Barros Decad. I. Liv. I. C. 3.

*Murmulha*: Faria toma este Vocabulo por memoria, de que não achamos

exemplo: parece que antes significava o murmurio e arruido que faz o rio; ou outra alguma coisa sonora; Barros chama *murmulho do mar* ao som, que fazem as ondas; os Dicionaristas Castellanos trazem *mormullo* pelo ruido que faz a agua quando corre, e pelo que se faz fallando; e *murmulho* pelo mesmo que murmurio; o que combina com o Vasconso que diz *Durmurra* murmurio das aguas; e nesta accepção vem a dizer que considerasse no meio do arruido, e sons funeraes dos sinos os martirios que elle padecera.

*Meis*: meus.

*Marteyros*: isto é martyrios, tormentos; é frequente nos antigos escritores *Marteyro* por martyrio; e *Marteyrar* por martyrizar, como no Nobiliario Tit. III. p. 3. *Em tempo deste Rey foy Sam Paio marteyrado*: em Gil Vicente no liv. I. das obras de devação p. 47.

*Zombai de quem vos quizer*

*Reprender*

*Querendo-vos marteyrar.*

e Nuno Pereira (no Cancioneiro f. 33)

*E por lhe dar marteyro*

*Sempre lhe este no poleiro.*

em João Rodriguez de Sá na Epist. de Penelope a Vlysses.

*Em quanto por tantos modos*

*Doudamente me marteyro.*

e em Garcia de Resende na Missellanea p. 173.

*Deu tal marteyro*

*Qual té ogora se não soube.*

e em Bernardim Ribeiro na Egl. II. p. 247.

*Sentiam muy grande dor*

*Cada hum com seu marteyro.*

*Ouvirdes*: assim têm Andrada e o MS. Portuense, e concorda com a lição acima, *A se ouvirdes*. Em Faria vem erradamente *Ouvides*.



## NOTAS.

## AO QUARTETO IX.

*Papear*: isto é, fallar muito; verbo que apparece no Poema da vida de S. Domingos, no tom. II. da Coll. de Sanches V. 143. p. 19.

*Sodes de mal sentido, como loço*  
*Ter-vos é sin los osos, si mucho.*

e em Antonio Ferrreira na Comedia do Cioso Act. IV. Scen. I. *Não papêes.*

*Castejom*: isto é, o Castelhamo.

*Membro-bos*: Lembre-vos, o verbo *Membrar*, como lê Faria, e o MS. Portuense: é mais conforme á antiga linguagem do que a do verbo *Lembrar*, que traz Andrada, que diz *Lembrebos*: é porem mais do Dialecto Galliziano e Provincial do Minho dizer *bos* do que *vos*.

*Fige*: como traz Andrada, e o MS. Portuense, ou *Fije*, como vem em Faria: esta era a antiga maneira de terminar o preterito perfeito do verbo *Fazer*, e de alguns outros de semelhante natureza na primeira pessoa do singular, o que era muito usado no Gallego, e no Portuguez, em que se mudava o S ou Z final do verbo, em ge e se dizia de *fiz fige*, e de *Compuz Compuge*, como vem no Prologo do Nobiliario; de *quiz quige quije*, e *quise* etc. Nas Coplas de D. Affonso o Sabio em Gallego tom. II. da Biblioth. Esp. de Castro p. 638 se diz:

*Os peccados que fige*  
*Pero que muitos son.*

*Colom*: não temos encontrado este vocabulo entre os nossos: os Castelhamos diziam *Colom*, por punho cerrado; (João Hidalgo no seu Vocabulario) O Alemão diz *Coton* por jubão de açoites. Havia tambem uma especie de espada curta a que depois se chamou *Coto*, e talvez com isto quizesse dizer o Poeta que já fizera máo trato ao Castelhamo em alguma lição que com elle houvera. Andrada e o MS. Portuense dizem *Já de Colom*: Faria não traz a primeira dição, que to-

da via é necessaria na medida do verso.

## NOTAS.

## AO QUARTETO X.

*A que bos quige*: esta estancia toda falta na Copia de Faria; vem porem na do MS. Portuense, e na de Andrada, *A* é aqui ou conjunção antiga, e a mesma que *E*, ou interjeição, como já acima notamos: Andrada lê *Ah* neste ultimo sentido; o MS. Portuense *A* no primeiro. Quanto ao verbo *Querer* de que disse *Quije*, veja-se a nota antecedente.

*Requige*: verbo composto do outro *Querer*, que aqui está; como *Fige* no preterito perfeito: do verbo *Requerer*, na primeira pessoa do singular do modo indicativo: aqui não significa requerer, sollicitar, demandar, pertender, mas querer, ou amar muito, querer muito bem; significação que não tem já hoje entre nós.

*Ber*: ver; isto é, verdadeiro, como quem vos amou deveras, e mui lealmente: ou antes o verbo *ver* isto é, que vos quiz e amei como os meos olhos, como a minha vista.

## NOTAS.

## AO QUARTETO XI.

*Falejo*: não temos encontrado este verbo; parece significar ter folgo, e que o Poeta quer dizer que não o tem para fallar pelo estado mortal, a que se vê reduzido: tambem poderia significar o fallar muito, como dizendo que pouco pode fallar.

*Podedes*: podeis; sobre esta terminação dos verbos no presente do modo indicativo na segunda pessoa do plural, veja-se a Nota 1.<sup>a</sup> ao Quarteto I. da Canção I.

*Asmar*: considerar, pensar. Veja-se a Nota XI. á Quintilha II. de Gonçalo Hermigues.

*Ei*: eu; Veja-se a Nota VI. ao 1.<sup>o</sup> Quarteto da Carta 1.<sup>a</sup> de Egas Monis.

*Bos*: vos; Veja-se a Nota 2.<sup>a</sup> á Quintilha 1.<sup>a</sup> de Gonçalo Hermigues.



*Sejo*: isto é, seja; na primeira pessoa do singular no presente do modo conjunctivo: usado no Dialecto Gallego.

NOTAS.

AO QUARTETO XII.

*Tenho todo o arcaboço*: falta no exemplar de Faria a dicção toda, que aqui é expressiva, e até necessaria para a medida do verso.

*Arcaboço*: é propriamente a armação dos ossos de qualquer corpo; Faria entende esta palavra pelo espinhasso, ou pelo peito e região superior que se alça aos que morrem; parece que aqui se denota por Synecdoche geralmente o Corpo, que o Poeta diz estar *sem feição* estar mortal e como já defunto, ou Cadaverico, estado, a que o tinha reduzido a sua pena.

*Sem feição*: isto é, sem figura, desfigurado.

*Ei*: eu. Veja-se a Nota VI. ao Quarteto I. da Carta I. de Egas Monis. Em Faria falta esta dicção, o que ainda faz o verso mais errado do que está.

*Bos*: vos. Veja-se a Nota II. á Quintilha 1.<sup>a</sup> de Gonçalo Hermigues.

*Bejo*: vejo. Leia-se a Nota VII. ao Quarteto III. da 1.<sup>a</sup> Carta.

NOTAS.

AO QUARTETO XIII.

*Bedes*: vedes. Veja-se a Nota VII. ao Quarteto I. da 1.<sup>a</sup> Carta.

*Fincade*: assim lêem Andrada, e o MS. Portuense: Faria diz *Ficade*, o que é o mesmo; dizendo-se antigamente *Fincar* em um mesmo sentido. Veja-se a Nota I. ao Quarteto I. da 1.<sup>a</sup> Carta.

ARTIGO III.

SOBRE O FRAGMENTO DO POEMA DA PERDA DE ESPANHA.

Aos versos de Gonçalo Hermigues, e

de Egas Monis seguem-se os do fragmento do Poema da perda de Espanha pela invazão dos Sarracenos. Ignora-se o seu Author: é tradição de nossos mayores, que fôra achado este troço do Poema em um livro, que havia no mesmo Castello de Arouce, ou Lousan, quando nós o tomámos aos Arabes.

Tamanha foi a antiguidade, que alguns lhe quizeram dar, que o houveram por obra Coetanea daquelle successo, isto é, dos fins do Seculo VIII, porque entenderam, que achando-se este fragmento na tomada do Castello de Arouce, e em um livro, já gasto e consumido, de necessidade remontava a sua composição a uma muy alta, e sobida antiguidade; assim a Miguel Leitão de Andrada pareceo ser obra daquelles tempos; (a) Faria pensou da mesma sorte conjecturando ser obra por ventura a mais antiga que se achava em lingua vulgar em toda a Europa. (b)

Nós não sabemos determinar a sua era, não o havemos porem por tão antigo pois que elle respira ares demais fresca idade por sua linguagem; por seu estylo, e pelo mesmo metro, e verificação de Arte maior, que se houve sempre por invenção posterior áquelles tempos, e muito mais se a confrontamos, e comparamos com as Poesias de Hermigues e de Monis. Nem se pode colligir a sua antiguidade da muita, que dizem mostrava ter o livro, em que se achou este fragmento, porque em verdade ou elle não era tão antigo, como se quiz inculcar, ou ainda sendo tal, como o fizeram, se lhe podião ter acrescentado estes versos por mão posterior, e mais moderna, pois que nelle se continham tambem os de Egas Monis, Escritor do Seculo XII.

Não achando pois documento antigo que nisto nos possa guiar com mais certeza, assentamos em reduzir este Poema aos fins do Seculo XII e principio do Seculo XIII. tempo, em que já apparecia entre os Castelhanos o Poema do

(a) Dialogo XVI. p. 454.

(b) Europ. tom. III. P. IV. C. 9. p. 378.



Cid Campeador, uma das primeiras obras de suas Musas, e alguns outros Poemas.

Poderia parecer a alguém ao contrario da opinião de Andrada, e de Faria, e da mesma, que nós seguimos, que esta obra fora producção mais moderna, pois que a sua dicção é mais polida e aceada, vendo-se a differença, que ella fez na linguagem, no estylo, e no metro; porém esta provém, quanto parece, da differença dos Dialectos: a Poesia de Hermigues, e de Monis foi composta no Dialecto da Provincia d'entre Douro, e Minho, que era Portuguez Galliziano e em que muito se usavão os versos grandes; e este Poema da perda de Espanha no Dialecto das Provincias meridionaes de Portugal aonde pelo muito trato que houve do Arabismo, houve tambem maior mudança e polimento na locução, e no metro, senão é já que a differença lhes vem da diversidade dos tempos sendo as obras de Hermigues, e de Monis producções do meado do Seculo XII. e este Poema dos fins d'elle ou do Seculo XIII. quando já a Lingua tinha tido maior alteração, e mais cultura. (—)

Foi este Poema composto em oitava rima, o que chamarão de Arte maior, em versos inteiramente regulares, e de 12 Syllabas, quando se mostra deste fragmento: nem faça duvida, que já naquelle tempo tivessem nossas Musas esta Arte porque naquella idade a encontramos no Poema do Cid. e no Seculo XIII. no de Alexandre, e em outros mais como se pode ver na Collecção dos Poetas Castelhanos, de Sanches e no tom. II. da Bibliotheca Espanhola de Castro, nos quaes se acham pentametros de 12 de 13 Syllabas, e de 14.

A medida dos versos é ora de 11 ora de 12 Syllabas os de 12 tem o accento na 5.<sup>a</sup>, na 8.<sup>a</sup>, e na 11.<sup>a</sup> o verso imperfeito ou de 11 Syllabas: que acaba em

(—) O Poema do Cid, e os de Gonçalo Berceo são os mais antigos dos Castelhanos e são quasi do mesmo tempo; e com tudo ha uma grande differença na linguagem de uns e outros, e ainda dos mesmos de Berceo.

agudo, a tem na 4.<sup>a</sup> e na 7.<sup>a</sup> as dezinencias tem variedade, e nestas instancias se observa a ordem de que os versos 1.<sup>o</sup> 4.<sup>o</sup> 5.<sup>o</sup> e 8.<sup>o</sup> concordão entre si; o 2.<sup>o</sup> conforma com o 3.<sup>o</sup> e o 6.<sup>o</sup> e 7.<sup>o</sup> consónam um com outro por uma terceira cadencia, vindo a ser dispostos por este modo.

#### ABBA. ACCA.

o mesmo seguio El Rei D. Affonso o Sabio em Castella no Poema das Quirellas e no del Tesoro. (Sanches tom. I. p. 150 e 154.)

Trazem este fragmento dos antigos Miguel Leitão de Andrada nas Miscellaneas Dialogo XVI. p. 456. e Faria na introducção ás oitavas de Camões, aonde transcreve a 1.<sup>a</sup> oitava, e na Europa Portugueza tom. III. Parte V. C. IX. p. 378 aonde refere as outras tres com o descuido que houve na impressão de lhe faltar o primeiro vsrso da 1.<sup>a</sup> Estancia.

#### OITAVAS

##### QUE RESTÃO DO ANTIGO POEMA DA PERDA DE ESPANHA.

##### I.

O rouco da Cava imprio de tal sanha  
A Juliam e Oppas á saa grey daninhos  
Que emsembra co os netos de Agar forne-  
zinhos

Hũa atimarom prasmada façanha:  
Caa Muça e Zariph com basta companha  
De jusu da sina do Miramolino  
Có falso Infançon, e Prestes malino  
De Cepta adduxerõ ao solar de Espanha.

##### II.

E porque era força, Adarve, e fogado  
Da Betica Almina, e o seu Casteval,  
O Conde per encha, e pro communal  
Em terra os encreos poyarom á saa grado:  
E Gibaraltar, maguer que adarvado,  
E co compridouro per saa deffensão  
Pelo suso dito sem algo de afão  
Presto foi delles entrado, e filhado.



## III.

E os ende filhados, leais á verdade,  
Os hostes sedentos do sangue de oníduos  
Meteró a cutelo apes de rendudos  
Sem esgoardarem a seixo nem idade  
E tendo atimada a tal crueldade  
O templo e orada de Deos profanarom  
Voltando em mesquita, hu logo adorarom  
Sáa besta mafoma a medes maldade.

## IV.

O gazu, e o assalto, que os da alevosia  
Tramarom pos voltos de algo Sayões  
Có os dous Almirantes da hoste mandões  
Que darom com farta soberba e folia  
E Algezira, que o medes temia,  
Por ter a maleza cruenta sabudo  
Mandou mandadeiro como era tendo  
Ao roncom do Rey que em Toledo sia.

## NOTAS.

A' OITAVA I.<sup>a</sup>

*Rouço*, Miguel Leitão de Andrada e o MS. Portuense lêm *Rouço*, nome substantivo que significa a força que se faz a uma mulher, ou o rapto da mulher: Faria lêm *Rouçom* nome adjectivo que quer dizer o forçador: Duarte Nunes dá por nossa esta palavra C. 17 p. 108; parece com tudo vir do Latim *Rapio* e *Raptus* roubar roubo, ou de *Runco* rossar cortar a herva e mato; nas antigas escripturas Latinas de Espanha e Portugal, acha-se frequentes vezes *Rossum* e *Ransum* como no Diploma de D. Affonso VI. em 1094. *Taliter ut non in istas hæreditates Merino neque sayone, neque pro rosso, neque pro homicidio*: (Martene F. I. Collect. Col. 548) nas Cortes de Lamego na Doação Del Rei D. Affonso Henriques de 1140 a D. Raimundo Procurador dos Santos Pobres de Jerusalem: *Furto homicidio vel Rapina mulierum, quæ Ransum dicitur*. (Livro dos Foraes velhos Torre do Tombo) e geralmente nos Foraes antigos descendo mais abaixo achamos uso do verbo *Rousar* por forçar a mulher usar violen-

tamente de seu corpo, o Nobiliario do Conde D. Pedro diz *Gonçalo Mendes que se foy alem mar quando rousou sua irmã D. Maria Tit. XXII. p. 136 E fez-lhe querela de como Gomes Lourenço a rouxara T. XXXVI. p. 193. Este D. Fernando Ramires ante que casasse com D. Christina Soares rouzona, e levou-a de noyte as achas acesas Tit. LI. p. 298 e em outros muitos lugares: tambem se acha em Fernão Lopes na Chronica de D. Pedro C. IX. aonde fallando de uma mulher chamada Maria Roussada em tempos daquelle Principe diz que assim fora chamada por haver sido forçada. Ainda hoje chamamos *Rosso* ou *Roço* ao corte da herva e mato nos Campos e montes; e daqui dizemos *Roszar* ou *Roçar*, e *Roçador*; e os Espanhoes *Rozar*; e tambem damos ao verbo a significação de tocar levemente, de chegar perto o alcance de se esfregar uma coisa com outra.*

*Da Cava*: foi o nome que se deu á filha do Conde Julião a quem havia forçado D. Rodrigo, derradeiro Rei dos Wisigodos. Andrada o lóma por manceba; alguns querem que seja palavra Arabiga *Cabba*, mulher má ou adúltera, do verbo *Cabába*, viver á maneira de mulher publica, ou ter vida dissoluta. Este nome lhe dão as antigas historias, e depois dellas Barros, que as seguiu na Decada I. p. I. *Accrescentou outros muy grandes e públicos peccados, e que mais acabaram de encher a medida de sua condenação, que a força feita á Cava filha do Conde Julião.*

Conta-se, que em Ceuta havia uma porta no muro que chamaram da Cava, e conservava-se em tradicção constante ser esta a propria por onde o Conde D. Julião, e sua filha, que elle havia conduzido para Affrica sahira ao tempo da embarcação para a conquista da Espanha (Morales Liv. XII. C. 67. e Brito Mon. Lus. VII. C. 1 (.)

(.) Pedro Mantuano, D. Jose Pillicer, o Marquez de Mondexar, e outros mais houveram esta historia por fabulosa, visto que o nosso Izidoro Pacense, D. Affonso o Magno, e a Chronica de Albayda, que são os tres



*Emprio*: assim lê Andrada, e o MS. Portuense; Faria *Emprio* e Duarte Nunes diz também *Empir*: é trazido do Latim *Impleo* encher; e por isso é melhor a lição de Andrada que a de Faria.

*Sanha*: ira, indignação, furor, raiva donde dizemos *Sanhoso*, *Sanhudo*, *Assanhar* *Assanhado*. É antiga como reconhece Duarte Nunes C. 18. p. 114; e vem já na famosa Lei de D. Affonso II. sobre a sentença que El Rei dá por *Sanha* compilada nos Codigos Affonsino, Manoelino, e Filippino acha-se no Nobiliario do Conde p. 8. 47: 182. 183. 205. e em outros muitos lugares; e é geralmente usada entre antigos e modernos.

*Juliam*: assim escreve Faria; Andrada diz *Juliani*; o que não é tão proprio do antigo Dialecto. *Juliam* ou como hoje dizemos Julião era Conde e genro do Rei Witiza, e Governador daquella parte de Espanha que fica sobre o mar Herculeo: aggravando-se da afronta que o Rei D. Rodrigo lhe fizera pela deshonra de sua filha, e querendo vingar a sua afronta, tratou com Recila, Conde de Tingitana, que entesta com a Espanha, pessoa de sua intima amizade e amigo de Witiza chamar cá todas as forças dos Arabes Africanos.

*Oppas*: emendamos *Oppas* em lugar de *Horpas* que vem nos exemplares por que assim escrevem constantemente a Chronica do Pacense, a do Monge Silense, a de D. Affonso III. e a do Arcebispo D. Rodrigo. etc. Era Arcebispo

monumentos mais antigos, em que se falla da invazão dos Mouros, não fazem memoria disto: com tudo estes Escriitores contaram muy succiatamente a historia da perda de Espanha; e omittiram quasi todas as circumstancias mais notaveis deste successo donde não admira que omittissem também esta: demais é um mero argumento negativo, e tom contra si a tradição immemorial deste facto que recolheu o Monge de Silos que o refere como tal, e a authoridade unanime de todos os Escriitores Arabes que o dão por certo (Veja-se Ferreras Hist. Ger. de Esp. Part. IV. Secul. VIII.) S. Pedro Pascal Rodrigo Ximenes. Lucas de Tuy o Autor da Chronica Ger. Mariana Zurita Ferreras.

de Sevilha, e de Tolêdo e filho do Rei Egica segundo a Chronica do Pacense e consequentemente Irmão do Rei Witiza como expressa o Arcebispo D. Rodrigo liv. III. C. 16. a Chronica de D. Affonso III. e o Monge Silense o fazem filho de Witiza: mas a authoridade do Pacense por sua maior antiguidade deve preferir á destes dois, elle se conjurou com os filhos daquelle Principe que eram Sisebuto e Ebas, (segundo o mesmo Arcebispo D. Rodrigo) os quaes tinham sido excluidos da successão do Reino de seu pai e se haviam passado a Africa a tratar com os Sarracenos da invazão de Espanha, e elle de mão commum com os seus sequazes passou derepente ao partido dos Mouros no mesmo tempo da batalha o que fez com que se perdesse o Rei Rodrigo.

*A' saa*: á sua; antigamente diziamos *Saa*, ou *Sa* por *Sua*, de que são frequentes os exemplos nos antigos documentos: basta citar o Nobiliario do Conde no Tit. VII. p. 46 aonde se diz = *Sa caza* = *Sa maldade* = *Sa terra sa Sanha* = *Sas Fortalezas* = é o Latim *suus* sua etc.

*S. Maria Sa madre* Carta de D. Lourenço Arcebispo de Braga no fim da Parte II. da Chron. de Fernão Lopes.

*Grei*: rebanho, e por translação se applica aos subditos a respeito dos Prelados, e aos Vassallos a respeito dos Principes: aqui denota povo, e nação; e neste sentido o tomou El Rei D. João II. na legenda da sua Empreza = *Pela ley, e pela grey* = e Luiz Anrriques que alludio a isto na sua lamentação pela morte do mesmo Rei (Cancioneiro f. 96).

*Choray todos esses, que nom fordes rrudes*

*O gram pelicano da ley e da grey.*

combina este termo com o Latim *Grex*, e com o Baixo Bretão *Gre* rebanho; com o qual concorda também o Dialecto do Paiz de Galles, como se vê de Davies, e de Thomaz Guilherme, de Pelletier, e de Bulle. Foi muito usado este termo entre os antigos, e no Seculo XVI. o



usou Francisco de Sá de Miranda na Carta I. est. 14

*Derão ao Leão Crôa  
Da sua grêi montesinha.*

Antonio Ferreira na Carta a D. Sebastião.

*Elegeo Deos Pastor á sua grêi.*

e em tempos mais modernos. D. Francisco Manoel Julgando o Pontifice por taes os meritos desta pequena grêi.

*Daninhos*: assim lê Andrada; Faria *daminhos*, ou como quereria escrever *damninhos* e é o mesmo que *damnosos damnadores* e deste termo usamos ainda hoje: conforma com o Latim *Damnum* e com o Vasconso *Danua*, e *Dainua* *damno* e *Dainutsua* *damnosos*; os exemplos antigos são frequentes; basta trazer aqui um lugar do Codigo Affonsino: o *Alquaide Maor*, e *pequeno compre pouco trazer consigo homes dapninhos* (liv. I. Tit. 30. §. 23. p. 198) em Alvaro de Brito no Cancioneiro fol. 24. V.

*De muytos, que pobres sam  
E mezquinhos  
Veram boos antre daninhos.*

*Emsembra*: Adverbio que significa junto, juntamente, igualmente de companhia; concorda com o *Simul* dos Latinos; com *Samhad* Congregação, ajuntamento no Irlandez; com *Sema* assemblea no Punico Maltez; e com *Ensemble*, *Assembler*, e *Assemblage* no Francez. O Castelhana antigo dizia *Assebrado* por unido, coligado, como se acha no Fuego Juzgo e no Poema de Alexandre no Tom. III. da Coll. das Poesias de Sanches Vers. 1527. p. 218

*Ambos son sobre ti sen duda assebrados.*

*Andan con sus poderes sobre ti assebrados.*

Em nossas antigas Escripturas em Portuguez acha-se frequentes vezes = *Em*

*Sombra* = a que nas Latinas corresponde *Una* e tambem *Simul*, como = *Ego Sanctius Portugaliae Rex una cum uxore mea.* (Mon. Lus. IV. Escript. I. p. 509. 510 e V. 513.) Em uma escriptura Portugueza de D. Affonso Henriques ou original ou traduzida vem já este Vocabulo = *El Rey D. Affonso de Portugal emsembra com meu filho Rey D. Sancho faço Carta de feldade etc.* e no fim = *Eu sobredito Rey D. Affonso em sembra com meu filho* (Vid. Cod. Affonsino liv. II. Tit. 99. p. 529. Mon. Lus. tom. V. p. 174. V. e o tom. I. das Provas da Historia Geneal da Casa Real p. 61 e 62) *Porem nós em sembra com o Infante Duarte meu filho primogenito* (Doação do Sr. Rei D. João I. a Fernão de Saa tom. dos Documentos das Memorias por José Soares da Sylva p. 211.) no Nobiliario vem muitas vezes este adverbio: Tambem se acha na Carta de D. Lourenço Arcebispo de Braga que vem no fim da P. I. da Chronica de D. João de Fernão Lopes p. 465. V. *Estiverom aqui Domingo em sembra com Mem Rodrigues* que o Autor da Grammatica da Lingua Portugueza (Pedro Jose da Fonseca) suppoem que a tomou do Francez; e em tempos mais modernos se acha na Carta do Sr. Rei D. João II. que vem na Part. II. da Historia de S. Domingos de Fr. Luiz de Souza, *Netos de Agar*: isto é, os Arabes Mouros ou Sarracenos, descendentes de Ismael, filho de Abraham, e de sua escrava Agar: os diversos nomes com que elles se chamaram comprehendeu o nosso Poéta Luiz Pereira na Elegiada Canto XIII. p. 16. V.

*Da Mauritania Mouros nos chamarão*

*De Agar dizem que somos Agarenos  
Do Filho Ismaelitas nos nomearão  
De Sarra (que diz Lybia) Sarracenos.*

Desta expressão *Netos* ou *descendentes de Agar* por Mouros ou Sarracenos usam nossos Poétas, e particularmente Camões que diz no Canto III. Est. 26 dos Lusíadas.



*Estes depois que contra os descen-*  
*dentes.*

*Da escrava Agar victorias grandes*  
*teve.*

e na Est. 110.

*Estão de Agar os netos quasi rindo.*

e no Cant. VIII. Est. 47.

*Que do filho da escrava Agnar pro-*  
*cede.*

*Fornezinhos*: isto é bastardos, havi-  
dos de illegitima copula por descenderem  
de Agar. Acha se no antigo Castelhana  
como se vê no Poema de Alexandre V.  
1016. p. 144

*Dixol que non debie Rey a ser-*  
*Ca era fornecino, e de rafez a fer.*

das Partidas Part. IV. Tit. XV. L. I.  
e do Fuero Real p. 126. e tambem en-  
tre os nossos como em Alcobaga, em que  
vem o substantivo fornecio *Todo aquelle*  
*que vir mulher cobicalla este tal ja fez*  
*fornecio em teo coraçom.*

*Atimarom*: assim lê Faria Andrada  
escreve *Alimarão* o MS. Portuense diz  
*Acimarão*, que parece estar errado: o  
verbo *Atimar* é antiquado, e segundo  
Andrada, e Duarte Nunes significa ac-  
abar, segundo Faria fenecer, emprender  
Introd. ás Oitav. de Camões isto é com-  
metter concluir, executar, pôr em obra  
levar ao cabo Gil. Vicente Liv. I. das  
obras de Devogaõ ao Natal p. 33. V.

*Estes são todos pastores*  
*Da Serra d'estrella vem*  
*Em preyto com scõs amores*  
*Atimar*

*Prasmada*: que tambem se escrevia  
*Prazmada*; Faria toma aqui *Prasmada*  
por abominovel; e Duarte Nunes *Pras-*  
*mar* por vituperar e com effeito *Pras-*  
*mar* significa taxar, reprehender, estran-  
har, censurar, vituperar; donde se não  
deve seguir a Andrada que entende *Pras-*  
*mada* por admiravel, nem a André

Bayão, que tomou *Prasmo* por Calum-  
nia, e por admiração (na Prefaç á Chro-  
nica del Rei D. Pedro I.) o Castelha-  
no dizia *Blasmar* no mesmo sentido em  
que aqui tomamos *Prasmar* como no Poe-  
ma da vida de S. Millen. V. 102 p.  
126

*Blasmaron, lo que era ome galca-*  
*dor.*

o Francez diz tambem no mesmo senti-  
do *Blasmer*; os nossos usavão a cada pas-  
so deste termo. Fernão Lopes o usa mui-  
tas vezes = *Nenhum tenha sentido de pras-*  
*mar o Mestre, vendo as coisas, que se*  
*depois seguirão, disendo que elle com de-*  
*zordem da cubiça etc.* C. 18. p. 35. *So-*  
*gigou por tal guiza os vicios carnaes que*  
*cheio de fructo de grande proveito o não*  
*podia nenhum prasmar.* etc. *Prazman-*  
*do-mos de usada prezunção de querer por*  
*em escrito.* O mesmo se acha na Chro-  
nica do Condestable = *E este D. Gon-*  
*çalo Pereira era mui graado e dava de*  
*bom coraçom, o que havia em tanto,*  
*que por sua grandeza era prasmado de*  
*alguns seus chegados por assidar tam gra-*  
*damente fol. I. p. I.*

*Façanha*: esta é a lição de Andrada,  
e do MS. Portuense. Faria escreve *Fa-*  
*xanha*. É palavra muito antiga, e fre-  
quente em nossos Historiadores, e nas  
Leis, e se diz de algum feito notavel de  
armas. *Nobiliario lex por ello façanha*  
*muy boa* p. 311. Ruy de Pina no C. 12.  
Quanto desejava que El Rei seu Sr. fi-  
zesse em Africa alguma façanha que fi-  
casse em sua memoria para sempre (Co-  
llecç. dos Ineditos da Academia Real  
tom. I. p. 110) Tambem se toma façan-  
ha por costume ou aresto deduzido de  
algum feito notavel que lhe deo origem  
e neste sentido se usava em nossas orde-  
nações; mas não pertence para aqui es-  
ta segunda significação.

*Ca*: porque; veja-se a Nota.

*Muca*: era Musa ou Muza Ben Nas-  
sir Albakri Abu Abdelrahman, Gover-  
nador, ou Vice Rei de toda a Africa  
que foi o que a conquistou, ou rematou  
e segurou esta conquista de Espanha.  
Por ordem de Valid Abulebbas Califa  
de Damasco elle encarregou esta expe-



O bom acolhimento que recebo da Sociedade dos Amigos das Letras a minha *Memoria sobre os Felups*, me anima a offerecer-lhes um pequeno Vocabulario que pude colligir de ouvida do idioma daquelle povo, que como já disse, não conhece o uso da escrita, nem meio algum de transmissão remota. Um povo sem artes, sepultado no mais profundo barbarismo, sendo como é pobrissimo de idéas, não pôde ser rico de vocabulos. E' esta a razão de tão mingua-do apparecer o Vocabulario que apresento, no qual todavia não blazono de que muitos termos *Felups* me não escapassem por não haver conhecimento delles. Em todo o caso é um incentivo á curiosidade dos amadores da novidade, e mais uma homenagem que tributa a seus illustres consocios.

J. J. Lopes de Lima.

Lisboa 18 de Junho  
de 1836.

## VOCABULARIO FELUP:

### NOÇÕES GERAES.

#### Astros.

Sol, Tlai — Lua, Fulen — Estrela, Cot.

#### Ventos.

Vento, E'ruz — Norte, Futiú — Sul, O'tuai — Leste, Entelá — Oeste, Bianhe.

Deos, Hémit — Ceo, Catuto — Corpo, E'nil — Alma, Yarar — Inferno, Apur-apur — Diabo, Watui.

#### Elementos.

Fogo, Sambun — Ar, Burimanco — Terra, Etame — Agoa, Mumel.

### Tempo.

Tempo secco, Folé — Tempo chuvoso, Ojam — Chuva, E'lubé — Trovão, Eliuté — Trovoada, E'russei — Raio, Unir-hémit — Calor, E'guen — Frio, Nhancó — Nevoa, Camone — Nevoeiro, Héóná — Saraiva, Contece — Orvalho, E'puf — Relampago, Hemitelubé — O Iris, E'nâp — O dia, Tótlai — Manhã, Durap — Tarde, Cullim — Noite, Ôco — O amanhecer, Tibam ep — Dia de festa, Calunday — Dia de trabalho, Bogurer — Hoje, Ját — Hontem, O'kén — Antes de hontem, O'ken-un — A' manhã, Cajon — Depois d'amanhã, Cajon-un — O mez, Fulen — Este anno, Enqueild — Para o anno seguinte, Bolai.

### Semana Felup de 6 dias.

Domingo, Fiei — Segunda, Olaquação — Terça, Cagabut — Quarta, Caguit — Quinta, Cabacairei — Sexta, Otok.

### Partes do corpo humano.

Cabeça, O'cou — Mióllos, Mucóco Testa, Urin — Molteira, Assente — Fontes, Carâp — Orelha, Caoz — Sobrelho, Entrup — Palpebras, Camai — Pestanas, Omaiau — A menina do olho, Ajucai — Olho, Jequild — Nariz, Eindá — Faces, Orâb — Ventas, Siloéindá — Bocca, Botom — Dentes, Canguén — Lingua, Urareme — Ceo da bocca, Nháná — Barba, Uleme — Cabello da barba, Ualguleme — Pescoco, Emérum — Nuca, Nhardco — Seio, Quil — Teta, Eraienun — Estómago, E'aungáé — Costas, Bujangante — Embigo, E'janbar — Barriga, Ar — Verilha, Nhócompa — Braço, Canguén — Cotovello, E'jul — Sovaco, Cassubet — Mão, Bulé — Dedo, Ossinea — O polegar, Sincofina — Unha, Cor — Hombro, Cajac — Ilharga, Cahé — Cú, Essénum — Cõxa, O'bom — Joelho, O'jul — Perna, E'jul — Tornozello, It — Pé, Bulé — Coração, Essigre — Intestinos, Muláo — Sangue, Ossime — Cuspo, Cula-



xe — Ourina, Mossol — Suor, E'guen — Ranho, Ojulahu — Lacrima, Muculome — Merda, Wate.

*Os cinco sentidos.*

A vista, Ajunéné — Ouvir, Jamburá — Cheiro, Ojuléo — Gosto, Omassumassume — Tacto, Namamelé.

*Cores.*

Branco, Atumpai — Azul, ou preto, Anlá — Verde, E'quilet — Amarello, Anhanac — Vermelho, Biemac — Pardo, Boleimabuac.

*Accidentes da vida.*

Saude, Erom — Doença, Cassamut Catarro, E'quiáo — Febre, Buquete — Morte, Equét.

*Vestuarios.*

Vestido, Bucôcô — Chapeo, Eubob — Barrete, Embob anhanac — Capa, O'caior — Cazação, Bujupom — Calções, Acugalá — Lenço, Erailen — Saia de mulher, Freme — Dita de homem, Balafé — Anel, Amenque — Brincos, E'mencaoz — Espelho, Calhorú — Panno, Caú — Manilha, O'côwai.

*Viveres.*

Pão, Caçor — Vinho, Bunoco — Carne, E'mât — Peixe, E'ol — Arroz, Emanó — Fruta, Caculacú — Azeite de Palma, Mugicai — Vacca, E'bé — Vitella, Int — Galinha, E'cárein — Gallo, Calhirol — Porco, E'eumbá — Toucinho, Mópunhe — Pato, O'buquete — Ovo, Quéo — Azeite de cóla para laz, Minhanórai.

*Grãos de Parentesco.*

Pay, Anpom — May, Ahi — Avô, Anpomaan — Avó, Ahiaan — Filho, Anhel — Filha, Bajud — Irmão, Atéome — Irmã, Alinóme — Tio, Atianpoom — Tia, Ahiaan — Sobrinho,

Anhonateome — Sobrinha, Bajudateome — Parente, Bateai — Cunhada, Alalome — Cunhado, Atiapanhorome — Sôgro, Ampapanhorome — Sôgra, Nhanhorome — Genro, Anlome — Nôra, Assembló — Neto, Anhonanholumé — Neta, Bajud-anhelome — Marido, E'nume — Esposa, Arome — Homem, Aniné — Mulher, Anara — Um velho, Ainéléné — Uma velha, Anaraléné — Mancebo, Atom on — Rapariga, Balámetá — Menino, Anhélumba — Menina, Gélámetá — Estrangeiro, Alumunbá — Viuvo, Apanhólacoté — Viuva, Enónacaté — Herdeiro, Atonome — Mulher prenhe, Anara-ar — Mulher parida, Anaraonajue.

*Dignidades.*

Rei, A'manhen — Fidalgo, Ossanum — Padre, Aramba — Povo, Assucuten — Exorcista, Jambacoz — Soldado do Rei, Camaien.

*Profissões.*

Alfayate, Aquecá — Ferreiro, Alapá — Carpinteiro, Alempá — Negociante, Atacanum — Lavrador, Atacalak — Cavador, Aócao — Pastor, Amatana — Pescador, Aboutá — Caçador, Alonhá — Escravo, Amikel.

*Situações e seus accessorios.*

O campo, Bokink — Monte, Bira — Praia, Ubélelá — Mato, Baiace — Rio, Urur — Ribeiro, Caloxén — Mar, Caçamó — Fonte, Umoche — Barro, Egunec — Arêa, Baluz — Lama, Bucap — Erva, Utoxe — Rocha, Biacasse — Seára, Nhocécó — Espiga, Ojuel — Pastos, Utit — Enxada, Burebutó — Sebe, E'uai — Cidade, Essuco-Yamaca — Aldêa, Bassuco — Caza, Elôb — Caminho, Burum — Canoa, Bussana — Lancha, Ebarcóra — Remo, Euén — Vêla, Caquino — Lagôa, Caiut.

*Arvores e vegetaes.*

Arvore, Maoz — Palmeira, Ebaquel



Limoeiro, Bolemaná — Laranjeira, Bolemaná — Bananeira, Batanhá — Papaiêira, Bolempay — Arroz, Emanó — Feijão, Cossak.

N.B. As fructas tem o mesmo nome da arvore, que as produz. — Ha muitas outras arvôres, e plantas indigenas de que ignoro os nomes, porque não sei Botanica.

*Animaes, e insectos.*

Cão, Ajóbai — Gato, Ajangumá — Elephante, Enhâp — Lobo, Emundemá — Onça, E'camai — Gato bravo, Ajangumánebanhe — Esquilo, Esnâp Rato, Exár — Porco-Espinho, Ussanel — Boi, E'bé — Cabra, Ajâmen — Porco, E'cumba — Cobra, E'lun — Lagarto, Yón — Lagartixa, Açamaçamá — Carrapato, Caceme — Cagado, E'uá — Camaleão, Canhangolete — Aranha, Elanté — Formiga, Anol — Cigarra, Essinol — Sapo, Canharo — Cáracol, Eiré — Osga, Chibé — Barata, Capóor — Escaravelho, Ulunhá — Borboleta, Aétai — Grilo, Axingorá — Piolho, Bateme — Mosca, Yóu — Abelha, Báxe — Gafanhoto, Aingá — Mosquito, Aingante.

*Aves.*

Passaro grande, Calhelá — Passaro pequeno; Banequita — Papagaio, E'linquen — Periquito, E'chachú — Andorinha, Janaóra — Pardal, Carr — Pelicano, Cazoubi — Maçarico, Jaquiéira — Morcego, Carapá.

*Arranjos domesticos.*

Caza, Elól — Alicerce, Obaken — Parede, O'cale — Janella, E'laguen — Telhado, Cassonte — Salla, Anasse — Quarto, Burugún — Cozinha, Ussil — Porta, Canaguén — Chave, Cacumium — Viga, Seeol — Cama, Ebengen — Meza, Botank — Banco, E'lama — Faca, Accrá — Garfo, Caiumb — Colher, Cagabun — Panella, Eberai — Caixa, Eniqué — Esteira, Calay — Testo, Cajut — Folles, E'bocôp — Pedrneira, E'cas:e — Cesto, Carik.

*Commercio, e seus artigos.*

Negocio, Boiump — Arroz, E'manó Cêra, E'kai — Marfim, Caguin-Enhâp — Couro, Caban — Ferro, Conco — Caldeirão, E'mancôr — Pano d'agulha, Caú-Cámaca — Tabacco, Embacó — Cobre, Canâp — Latão, Baciai — Manilha, Ocôwai — Contas, O'bit — Cascaveis, Bacolou — Chocalhos, E'liberá — Arame, Angerá — Baeta, Buquegum — Lenço, E'relen — Chita, Enbarabel — Dinheiro, Bajam — Muito dinheiro, Bajam-mamené — Pouco dinheiro, Bajam-batit — Cáro, Agulet — Barato, Réotumé — Correspondente, Apálum — Dêvedor, Aré abucan — Direitos, O'galle — Frete, Bucel.

*Guerra e seus accessorios.*

Guerra, Futik — Canhão, E'loqueirá — Balla de ferro, E'lunhum — Polvora, Epór — Tiro, Baúm — Espingarda, Cabuai — Machadinha, Unil — Azagaia, E'jan — Terçado, Candib — Espada, Candib-Alum — Setta, E'meré — Arco, Cacorúm — Punhal, Bunhalabum — Capacete, Embôb-mandin — Adaga, E'bangan — General, Aticá — Corneta, Cabil — Caixa de guerra, Biacel — Tambor, Aimpá — Soldado, Cumaén — Batalhão, Caion — Guarda avangada, Bucancarédomé — Fortaleza, Essuquianér.

*Adjectivos.*

Dextro, Acélicunguen — Tôlo, E'nucoco — Velhaco, Alsongló — Doudo, Andénaganhé — Cobarde, Anacoi — Valente, Anataéne — Mentirozo, Nhalochalo — Cortez, Anatabaiit — Grosseiro, E'nucorene — Justo, Anacanaminjol — Desavergonhado, Anacotubaiit — Impertinente, Analoboré — Ambicioso, Anapamjambucane — Desleal, A'combucane — Cruel, Atabuncatane — Tejmozo, Anabelorami — Adultero, Anajoaré — Matador, Anabujabucan — Murmurador, Anabutonaké — Feiticeiro, Assái — Malvado, Anacanamin — Côxo, Andénacajé —



Maneta, Afanacanhóe --- Cego, Anapumé --- Mouco, Ulôco --- Esquerdo, Amai --- Mudo, Analaburit.

### Contagem.

1, Aínca --- 2, Sigabá --- 3, Cifelhe --- 4, Sibaqui --- 5, Fotok --- 6, Opálhe --- 7, Sibaqui-Cifelhe --- 8, Sibaqui-sibaqui --- 9, Sibaqui-fotok --- 10, Conguén --- 11, Conguén-ainca, etc --- 20, Ahí --- 30, Ahí-conguén --- E daqui recommçam.

### Pronomes.

Meu, Yambá --- Teu, Yatóo --- Seu, Yolol --- Nosso e Vosso, Yatóo alí mutuli --- Quem? Aimó? --- Aquelle, Omemá --- O' tu! Ampá! --- Eu, Injé --- Tu, Aú --- Elle, Andé --- Nós, Capalli --- Vós, Cuinéki --- Elles, Bucanáké.

### Verbos.

Comer, Rié --- Matar, Bujol --- Ir, Cai --- Querer, Chinol --- Ter, Qué --- Comprár Uellé --- Vender, Unome --- Trazer, Tebal --- Dar, Ulé --- Fallar, Lobé --- Morrer, Caté --- Ferir, Calé --- Castigar, Chalol --- Dever, Riol --- Ouvir, Jamé --- Repartir, Nassol --- Sahir, Chalé --- Perceber, Wolwé --- Poder, Lé --- Beber, Rané --- Cozinhar, Sillé --- Fazer, Cané --- Morder, Urumé --- Perder, Muneme --- Prometter, Rijoaf --- Calar, Paté --- Viver, Utou --- Quebrar, Gumé --- Ganhar, Waff --- Correr, Eroi --- Abrir, Babalé --- Ajudar, E'nenol --- Assentar, Laké --- Chover, Elubé --- Ver, Juquí --- Concluir, Bané --- Dizer, Néne --- Pôr, Walené --- Achar, Feceté --- Lamentar, Bonqutol --- Rir, Ranqué --- Vencer, Bani --- Bastar, Minhé --- Vir, Purul --- Ter fome, Bachá --- Ter sede, Sai --- Fantar-se, Pónhé --- Acoroar, Utoncoé --- Vestir-se, Cocué --- Cantar, Issossé --- Cuspir, Laché --- Assoar-se, Ujulé --- Seccar, Sené --- Coçar, Coforé --- Inchar, Laué --- Gritar, Nacolené --- Perguntar, Arincol --- Mandar, Ibanhol --- Disputar, Candelol ---

Cuidar, Heiné --- Recear, Colié --- Parir, Bajé --- Crescer, Nabaqué --- Dormir, Morié --- Descançar, Gailué --- Ronçar, Lum huté --- Levantar-se, Itué --- Chorar, Cáué --- Espirrar, Chiloé --- Cheirar, Sumbó --- Suar, Iguéné --- Tremar, Bobaquené --- Apalpar, Mamené --- Tossir, Aquiol --- Escrever, Napissené --- Conversar, Sanquené --- Responder, Nhatendol --- Negar, Laté --- Saber; Mere --- Esquecer, Niuké --- Esperar, Coburul --- Fingir, Fokol --- Nascer, Anhacué --- Enterrar, Fokol.

N.B. Os Verbos, que têm conjugações regulares, são os acabados em *é*, e em *ol*. Todos os outros são irregulares. Darei exemplos destas duas conjugações.

### Conjugação do Verbo Rié --- Comer.

Eu como, Injé ne rié --- Tu comes, Aú ne rié --- Elle come, Andé ne rié --- Nós comemos, Cupali u rialli --- Vós comeis, Cuinéki u rialli --- Elles comem, Bucanáké u rialli.

Eu comia, Inje ne rieban --- Tu comias, Aú ne rieban --- Elle comia, Andi ne rieban --- Nós comiamos, Cupali cu rieban --- Vós comieis, Cuineki cu rieban --- Elles comiam, Bucanáké cu rieban.

(O preterito perfeito é exactamente o mesmo em todos os Verbos que o imperfeito.)

Eu comerei, Inje ne chiné rié, etc. --- Come tu, Riã, etc.

(Conjunctivo não tem --- A sua lingua não conhece senão *impresente*, um *preterito*, um *futuro*, e um *imperativo*.)

### Conjugação do Verbo Bujol --- Matar.

Eu mato, Injé ne bujol --- Nós matamos, Cupalli u bujol.

Eu matava, ou matei, Inje ne bujelli. --- Nós matavamos, etc., Cupali cu bujelli.

Eu matarei, Inje ne chini bujol --- Nós mataremos, Cupali cu chini bujol. --- Mata tu, Burol, etc.



## Adverbios.

Onde, O'mai — Donde, Bai — Aqui, Taté — Daqui, Babé — Ao redor, Memelé — Defronte, Erraidiló — Dentro, Indená — Fóra, Tien — No meio, Detuto — No ar, O'réo — Quando, Nai — Antigamente, Capió — De madrugada, Tibané — Sempre, Jaminhá — Agora, Manémaré — Mais, O'banhen Nada, Intuamin — Lá, ali, Fátá — De lá, Untá — Por lá, Nhánhá — Perto, Requené — Longe, Luiluí — Em cima, Atiá — Em baixo, Detáme — Junto, Pelenó — A um canto, Ego — No chão, Candetame — Logo, Coborá — Cêdo, Durap — Ao anoitecer, Tijóné — Depressa, Ocanchap — Ao meio-dia, Tó tlay — Muito, Cumené — Pouco, Coré atumi — Bastante, Minhá.



## CARTA

de Affonso de Albuquerque a El Rey D. Manoel pedindo-lhe que fizesse seu filho Grande, em remuneração dos bons serviços que prestara na Índia.

Eu não escrepvo a Vossa Alteza por

minha mao porque quando esta faço tenho muito grande saluço que é sinal de morrer. Eu senhor dexo qua esse filho pominha memoria a quem dexo toda minha fazenda que é asaz de pouca mas dexo lhe a obrigaçao de todos meus serviços que é muy grande, as couzas da India ellas fallarao por mim e por ellas, dexo a India com as principaes cabeças tomadas em vosso poder sem nella ficar outra pendença senao cerrar se muy bem a porta do estreito, isto é o que me Vossa Alteza encommendou, eu senhor vos dei sempre por concelho pera segurar de lá a India hirdes vós tirando de despezas, peço a Vossa Alteza por merce que se lembre de tudo isto e que me faça meu filho grande e lhe de toda saptisfaçao de meu serviço, todas minhas confianças puz nas maos de Vossa Alteza e da Senora Rainha a ellas me encomendo que façao minhas couzas grandes pois acabo em couzas do vosso serviço e por ellas volo tenho merecido, e as minhas tenças as quaes comprei peia maior parte como Vossa Alteza sabe. Beijar-lhei as maos pollas meu filho. Escripta no mar a seis dias de Dezembro de 1515 = Feytura e servidor de Vossa Alteza =

*Affonso de Albuquerque*



## MITHOLOGIA DO CORAÇÃO.

ANACREONTICA,

Por João Vicente Pimentel Mldando.

Não o nego; o Paganismo  
De certo modo me agrada:  
Minha alma se desenfada  
Com suas bellas ficções;  
A fantasia as approva,  
E tem sobejas razões.

Em vez da fogueira ethérea  
Suppôr hum Mancebo lindo,  
Pelos altos ceos subindo,  
De immensa luz conductor;  
Foi da mais risonha idéa  
Assinalado primor.

Nas selvas haverem Ninfas,  
Procurarem-se nas fontes,  
Crer que os valles, crer que os montes  
Eram sua habitação;  
Enchia de gosto a vida,  
De amores o coração.



Recordavão-se nas flores  
Aventuras amorosas,  
Nas anémonas, nas rozas,  
Nos jacintos, n'outras mais:  
Davão testemunho os bosques  
De mil successos iguaes.

O Pensamento encantado,  
Cheio de espanto, e ternura  
Vía a Deusa altiva, e pura,  
Da Noite o reino invadir;  
E das trevas triunfante  
Meigo fulgor espargir.

Promptas sempre a bem do mundo  
Benignas Deidades via:  
Huma os prados protegia,  
Outra o viçoso pomar  
Suppunha-as nos proprios lares,  
Sobre os rios, sobre o mar.

A profunda, immensuravel  
Solidão da Natureza  
Povoar com tal grandeza,  
Com taes encantos encher;  
Obra foi que hum Genio raro  
Só podia conceber.

Se tal crenga resistisse  
Do Tempo ao feroz insulto,  
E se dar-lhe novo culto  
Podesse hum feliz mortal;  
Arima, fôras a Deusa  
Do amor sentimental.

Pombal 13 de Fevereiro de 1832.



### O RIO.

CANTATA

*Traducção livre da Elegia 6.<sup>a</sup> do L.<sup>o</sup>  
3.<sup>o</sup> dos Amores de Ovidio,*

POR

**ANTONIO FELICIANO DE  
CASTILHO.**

Bello Rio das margens limosas,  
Bello Rio de canas toldado,  
Pára, pára teu curso apressado,  
Tornarás bem depressa a correr,

Um momento me basta, um momento  
Que suspendas as ondas fogosas,  
Bello Rio das margens limosas,  
Vou com pressa, uns amores vou ver.

Não to pedira se tivesses pontes,  
Ou te eu visse um batel d'esses que á  
sirga  
Sem remo vão e vem de varzea a varzea,  
Ha bem pouco eras tu, que inda me  
lembra,  
Pobre de cabedades, e nunca tive  
Custo em passar-te a vão, quasi até  
quasi

Com planta enxuta: agora, reforçado  
Co' as neves soltas da vizinha serra,  
Vas-te fugás e turbido rolando.  
Mal empregadas pressas e alvorogo  
Com que esperei o dia, se é forçado  
Que em pé junto a estas aguas fugitivas  
Desespêro e saudade aqui me ralem,  
Se áquella margem, deleitosa margem,  
Não tem de se ir meus pés! Quem me  
cá dera

As azas de um Perseu, ou coche aéreo  
Que andou chovendo pela terra inculta  
Os áureos grãos da dadivosa Céres!  
Sonhos, delirios vão de vão poetas,  
Que não foram, nem são, nem serão  
nunca!

Tu só podes valer-me, ó tu me vale,  
Rio (e perenne sejas) se resumes  
No alveo antigo a veia trasbordada.  
Mal adivinhas tu, que odios te esperão  
Se alguém souber, que ó Rio me atal-  
lhaste

Em carreiras de amor: vós outros Rios  
Devêreis ser mais bons para os amantes,  
Pois que amantes quaes nós vós mesmos  
fostes.

Já o Inacho andou palido, e bem fogo  
Nas frias lapas o abraçou por Melia.  
Antes dos annos dez de cerco a Troia  
Foi de Neéra namorado o Xantho.  
Quem faz cançar-se o Alfeo por longes  
terras?

A Arcadia virgem. Pois Creusa, a bella  
Noiva do Xantho? quem a teve occulta?  
Diz-se que foi o Alfeo. No Asopo e  
Thebe

Não fallarei, de Thebe amor de Marte  
Cinco filhas gentis já teve o Asopo.  
Tem o pobre Achelô a fronte moxa:



E porque! perguntai-lho, elle o confessa:  
 Porque lutou com Hercules. E a causa?  
 A causa foi o amor, foi Dejanira;  
 Porque nem Calidon, nem toda a Etólia  
 Valiam tanto. Aquelle Nilo, aquelle  
 Que sete fozes rompe, e o berço occulta,  
 Esse arde por Evadne, e tantas agoas  
 Contra o fogo de amor nada podéram.  
 O Enipeo já quiz tanto á bella Tyro,  
 Que por melhor goza-la em sêco thoro  
 Fez sair do seu alveo as proprias aguas.  
 Pois o Anio, o feliz rio das fructas,  
 O que por entre lapas se devolve  
 Vindo regar os campos Tiburtinos!  
 Não o sabes? ora á espera em quanto  
 abaixas  
 Quero cantar-to, e adormentar sauda-  
 des.  
 Sentar-me-hei; vós fugi-me, ondas li-  
 geiras.

Vagava Iliá tristissima  
 Por solidões agrestes,  
 Nuas as plantas candidas,  
 Em desalinho as vestes.

Correm-lhe em fio as lagrimas,  
 Derrama inúteis queixas,  
 Maltrata as faces palidas,  
 As turbidas madeixas.

Quem a tão bella victima  
 Causa tão viva dor?  
 De Amulio as iras perfidas,  
 De Marte o indigno amor.

O Anio que a viu, das rápidas  
 Ondas erguido um pouco,  
 Disse-lhe em frases languidas,  
 Em tom sumido e rouco:

= Salve adoravel hospeda  
 Desta ditosa margem,  
 Dos pris-cos Reis de Pergamo  
 Magnanima linhagem.

Que penas tens? confia-mas  
 O' Iliá, pois teu rosto,  
 Pois teu girar insólito  
 Provam que tens desgosto

Que é dos virgineos habitos,  
 Qu' é do listão de neve,

Que da Vestal solícita  
 Brilhar nas tranças deve?

Não chores mais, que é barbaro  
 Taes olhos estragar,  
 Há coração de marmore  
 Que o possa perdoar?

Não tenhas medo, ó Iliá,  
 Que teus serão bem cedo  
 Meu Rio, os meus palacios:  
 Iliá não tenhas medo.

De cento ou de mais Náiades  
 Terás o Senhorio,  
 Pois cento ou mais lindissimas  
 Habitam no meu Rio.

Acolhe as minhas supplicas:  
 De muito maior preço  
 Serão as minhas dadas  
 Do que estas que te offereço. =

Diz: ella os olhos tímidos  
 Baixa com dôr profunda,  
 O bello seio tépido  
 De ardente pranto inunda.

Tres vezes quer fugindo-lhe  
 Voar, mas outras tantas  
 Ao pé das ondas tumidas  
 Medo lhe prende as plantas.

Co' as mãos ás tranças áureas  
 Se atira a espedagal-as,  
 Soltando em vozes trémulas  
 Estas picdosas fallas.

= Ah! com meu Pai no túmulo  
 (Que acerba desventura!)  
 Não dormir eu pacifica  
 Virgem modesta e pura!

De amor proporem vinculos  
 A ti! a ti Vestal!  
 Que admira? ó vil sacrilega,  
 Ministra desleal!

O templo e o fogo atonitos  
 Repelem-te de horror,  
 Abominosa victima  
 De um impudico amor.



Que esperas, ó miserima,  
 Não vês que em tu passando  
 Já todos pela adultera  
 Te apontam murmurando!

Que esperas pois? decide-te:  
 Sepulta nessas agoas  
 Delirios, susto, infamia,  
 Pejo, remorso e mágoas =

Diz, tapa os olhos madidos  
 Co' a veste, e de repente  
 Comsigo dá frenetica  
 Na rapida corrente.

Contam que o Rio Iubrico  
 A recebeu nos braços,  
 E foi com ella ao thalamo  
 Tecer perpetuos lagos.

Ora aqui tens, bom Rio, a historia do  
 Anio:

Lá de ti não sei eu, nem tenho ouvido,  
 E' de crer, que tambem...mas estes bos-  
 ques

Sempre assim foi, recatam muita cousa.  
 Porém que vejo...em quanto lhe eu can-  
 tava

Cresceu e já trasborda! O' furioso  
 Que mal te fiz eu nunca? Int'ressas, dize,  
 Fm differir-nos soffregos deleites?  
 Porque me estorvas, rustico? Se fosses  
 Rio de origem nobre, illustre em nome,  
 Caudal como outros mil, que não farias  
 Misero soberbão? Tu nem tens nome,  
 Nem leito certo, nem matriz: a tua  
 São-nos as chuvas e as neves derretidas,  
 Bellas riquezas que te dá o Inverno,  
 Nelle corres barrento, em vindo o Estio  
 Vás empoadado e sem molhar a terra.  
 Que viandante encalmado ousou beber-  
 te

Ou te disse jámais = Perenne corras? =  
 Damno a gados, mais damno aos  
 campos

Guardadores e agricolas te odeiam,  
 E eu mais, a cada qual seus danos tocam,  
 Olhai com quem me estive demorando!  
 Que extravagancia! a repetir amores  
 Dos Rios principaes! Que extravagancia!  
 E que vergonha nomear-lhe o Nilo,  
 O Achelóo, o Inacho afamados!

Rio torvo das agoas lodosas,  
 Torvo rio sem berço nem fama,  
 Quanto amor a Corinna me chamas  
 Odio tanto me afasta de ti..

Sem proveito de dois és verdugo,  
 Torvo rio das ágoas lodosas,  
 Sêco inverno te apouque, e teimosas  
 Venham calmas sumir-te d'aqui.

## O PORTO.

ELEGIA.

Oh Porto! Oh Patria minha tão jucun-  
 da!...

Que horrorosa vivenda me offereces!..  
 Ao sulfureo clarão, que te circunda,  
 Quão feio me pareces!...

Crebros fuzis o ether incendeam  
 Ao Nascente, ao Poente, ao Sul, ao  
 Norte  
 Rebumbam os trovões, com que estron-  
 deam

Precursores da morte.

A morte!... Sim... O Monstro sibi-  
 lando

Corta em flôr o guerreiro ousado, ar-  
 dente,

Faz pedaços um velho miserando  
 E o menino innocente.

Corre a Mãi extremosa ao estampido  
 Do Berço, em que seu filho repousava  
 Recolhe o tronco, e o ultimo gemido:  
 Seu sangue as mãos lhe lava.

A Bomba estalla no cazal vizinho  
 Do mil-furado tecto espavorida  
 Corre a Dama gentil em desalinho,  
 Furtando ao golpe a vida...

Eis-me a fugir do alvergue meu paterno,  
 Salvando a meiga espoza, cujo affêro,  
 Cujos amor tem por premio os dons do  
 Inferno

Apoz longo destêro....



Destêrro!... Ah! sim... de Lizia sempre ausente,  
Debalde a Mãe lhe estende ao longe os braços....

Por ser minha ha tres annos, que não sente

Os maternas abraços.

A Mãe, a terna Irmã por mim deixadas,

D'Africa nos Certões viveo comigo;  
Sulcou comigo as ondas sublevadas,  
Sem Patria, sem abrigo.

Eu seus males causei... seus males vejo  
Crescer a ponto de ameaçar-lhe a vida...  
Ah! Quando poderei volver-te ao Tejo  
Minha cara Mãe!...

Em má hora buscaste o amigo auxilio  
Do meu casal paterno deléitoso,  
Aonde a Mãe chora no exilio  
Meu Pai, o seu esposo....

Meu Pai, que supportou ferros honrosos  
Com cívico valor por tres Invernos;  
E que hoje come o Pão dos criminosos  
Entre os gelos eternos.... (a)

Inda, Genios do mal, não sois saciados!  
O venerando errante em Serranias!...  
Seu tecto entregue a rusticos Soldados!...  
A' s'p'ia em agonias!...

Não... Fartos não estaes, Numes impuros!...

O Inferno inspira a barbara cohorte...  
Vem mil negros pelouros nestes muros  
Annunciar a morte....

A' intimação fatal Jozino errante  
Co' a fiel companheira do Destêrro...  
Onde se abrigar?... casa elegante  
D'um dos campeões do erro....

Lhe offerece jardins, sallões, molduras  
Ricos Paineis alli as vistas ferem  
Eis os aureos grilhões d'almas impuras,  
Que a escravidão preferem!...

(a) Serra da Estrella.

Tão solitario o alcaçar da opulencia!...  
E que sirva de abrigo aos desgraçados  
Destam por fantastica influencia  
Extravagantes Fados!...

Embora!... Em seu jardim, que a arte embeleza,

Reina a vegetação, filha da Terra.  
Nestas sombras encontro a Natureza.  
Em quanto o canhão berra

Quando o Pelouro crimes sibilando  
Espalha em torno a mim morte e terror  
O ledo passarinho aqui trinando  
Proclama o Creator....

Santo Deos, cujo Nome a dôr me adoça,  
Envia um raio teu á minha mente! —  
Qu'eu a amar seus irmãos persuadir possa  
O homem insolente!...

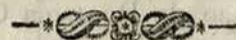
Que eu faça conhecer a Liberdade  
Aos escravos dos Bonzos, dos Tyrannos!

Que, longe a guerra, amor, felicidade  
Enlacem os humanos:

Que a minha Patria expulse do seu seio  
A Hypocrisia vil, que o vulgo illude...  
Que ao proprio alvergue volva sem receio

Desterrada Virtude!...

J. J. L. de Lima.



## MEMORIA

SOBRE A PROVINCIA DAS ILHAS DE  
CABO-VERDE.

(Continuada dos Numeros antecedentes)

Bispos que não vivêrão no Paço Episcopal, e Cidade da Ribeira Grande.

D. Fr. Pedro Jacintho Valente foi o primeiro que deixou de habitar o grande Paço Episcopal, que os Bispos de



Cabo Verde tiveram na Cidade da Ribeira Grande, junto á Cathedral, e do qual hoje apenas existem as ruinas. Este Prelado chegando pela primeira vez á sua Diocese, e depois de haver celebrado o primeiro Pontifical, tomou immediatamente a resolução de passar á Ilha de Santo Antão, aonde fixou a sua residencia; alli viveo por espaço de 19 annos, e falleceo sem d'alli tornar a sahir, tendo dado ordem ao Procurador da Mitra para que não fizesse reparo algum, por mais urgente, e necessario que fosse, n'aquelle Pago Episcopal, resultando d'aqui o estado de ruinas, em que se acha.

Talvez que a repentina resolução d'aquelle Bispo sobre mudança de residencia, que nenhum outro até alli havia tomado, proviesse de que salvando a Fortaleza, como é costume, na occasião do Pontifical, uma bucha accessa cabio no mastro do navio em que o Bispo tinha vindo, e pegando n'elle o fogo foi-se ateiando, advertindo-se n'elle já quando ia chegando á pólvora. Houve apenas tempo para picar as amarras, garrou o navio, e houve a explosão já quando não podia fazer mal á Cidade.

Este Prelado, depois que chegou á Ilha de Santo Antão, fez edificar a Igreja Parochial da Villa da Ribeira Grande, pelo mesmo risco da Cathedral, bem que menor, ornou-a decentemente, e para essa obra elle mesmo carregou aos hombros pedra, areia, e cal, que na mesma Ilha se faz. Occupou-se todos os dias no ensino da Doutrina Christã, e dava muitas esmolos. Todas as manhãs cantava na Igreja com os habitantes, de que ella se enchia, o rosario, e outras devoções, e isto com tal pausa, que lhe levava tres horas, ou mais.

Quando este Prelado desembarcou pela primeira, e ultima vez na Ilha de Santo Antão no Porto da *Ponta do Sol*, para subir para a Ilha foi necessario ligar-se pelos sovacos com cordas, com que o içaram, promettendo elle logo nunca d'alli sahir. Do Porto da *Ponta do Sol* até onde foi necessario içar o Bispo, serão 1 de legua. Ha agora n'este lugar um caminho soffrivel feito pelo Ca-

pitão Mór, Commandante que foi d'aquella Ilha, Luiz da Silva.

D. Fr. Francisco de S. Simão, no anno de 1712, por occasião do desembarque dos Francezes na Ilha de S. Thiago, e saque da Cidade da Ribeira Grande, mudou a sua residencia para o sitio da *Ribeira da Prata*, que fica na O.N.O., 8 leguas pouco mais ou menos da Cidade, e ahi deo principio a um Seminario. Residio finalmente na *Ribeira da Trindade*, que pertencia á Mitra, e é a duas leguas da Villa da Praia. De qualquer d'estas duas residencias este Prelado vinha á Cathedral nas funcções principaes: visitou tambem todas as Ilhas.

Na Capella, hoje arruinada, das casas d'aquella Ribeira da Trindade, que hoje é do Coronel Joaquim José Pereira, foi o mesmo Bispo sepultado, e ainda hoje se lê na sua campa o seguinte Epitafio:

Usque ad ultimum diem

In hac fossa

Jacebunt Francisci ossa.

D. Fr. Christovão de S. Boaventura, Religioso da 1.<sup>a</sup> Ordem da Provincia de Portugal, succedeo a D. Fr. Francisco de S. Simão; viveo 12 annos no Bispado, e residio sempre na Ilha de S. Nicoláo, cuja residencia foi elle mesmo quem a construiu. Elle mesmo alli regia uma Cadeira de Moral sendo seu Substituto o Vigario Geral do Bispado. Latim era ensinado na mesma Ilha tambem gratuitamente pelo Vigario Encomendado d'ella.

A'quelle Bispo succedeo D. Fr. Silvestre de Maria Santissima, da Provincia de Santa Maria da Arrabida, que falleceo em Novembro de 1813, tendo chegado ao seu Bispado em Dez. de 1803. Veio direito á Ilha de S. Nicoláo, aonde achou casa para a sua residencia feita pelo seu antecessor. Este Bispo construiu desde os alicerces a Igreja Parochial da Villa da *Ribeira Brava*, na Ilha de S. Nicoláo: reedificou a Igreja Parochial de N. Senhora da Lapa, na *Ribeira das Queimadas*, na mesma Ilha: passou á Ilha



da *Boa Vista* para terminar as questões, que se suscitaram por occasião de se pertender mudar as Igrejas da Povoação velha para a que de novo se estabeleceu na Villa do *Rabil* da mesma Ilha da *Boa Vista*, que ha pouco começou a povoar-se, e aonde tambem se fez de novo a Casa da Camara, Cadeia, etc. Aquelle Prelado nunca foi ás outras Ilhas.

Eis-aqui os Bispos da Provincia de Cabo Verde, que não tem residido na Cidade Capital do Bispado; residindo n'ella todos os seus antecessores.

*Estado Ecclesiastico da Provincia.*

Pertencendo ao Grão Mestrado de Christo os Dizimos do Ultramar; por elle, isto é, pela Fazenda Nacional é paga toda a despeza que na Provincia de C. V. se faz com o culto divino.

*Bispo e seus Ministros.*

Bispo vence por anno	rs. I:300 \$ 000
I Provisor, dito . . . . .	100 \$ 000
I Vigario Geral, dito . . . . .	100 \$ 000
<b>3</b>	<b>Somma rs. 1:500 \$ 000</b>

Chancellaria, e Camara, segundo li em uma Conta dada em 1788, apenas renderá para o Bispo 10 \$ 000 rs. por anno.

Uma ordem do Presidente do Erario de 18 de Maio de 1781, referindo-se a uma Provisão de 3 de Fevereiro de 1754 manda assistir pelo cofre da Fazenda Nacional á Embarcação, em que o Bispo fizera visita da Dioceze com os mantimentos, que lhe forem necessarios.

O Sr. Rei D. José expoz ao S. Padre Benedicto XIV. a compaixão, que tinha dos Bispos de Cabo Verde, e S. Thomé, pelo pouco que duravam; e pediu a S. Santidade a mudança das Cathedraes para Ilhas, e sitios saudaveis: ao que o Papa benignamente Annuio pela Bulla *Mater Misericordiorum*, á qual até agora se não deo execução.

*Cathedral.*

5 Dignidades, a saber: Deão, Chantre, Arce- diago, Thesour. <sup>o</sup> Mor, e Mestre Escola a 120 \$ rs. cada um. . . . .	1600 \$ 000
12 Conegos a 100 \$ 000 rs.	I:200 \$ 000
4 Capellães a 40 \$ 000 . .	160 \$ 000
4 Moços do Cõro a 15 \$ rs.	60 \$ 000
1 Organista. . . . .	30 \$ 000
1 Mestre da Capella . . .	30 \$ 000
1 Bedel . . . . .	12 \$ 000
<b>28</b>	<b>Somma rs. 2:092 \$ 000</b>

Fabrica . . . . .	40 \$ 000
Guizamento . . . . .	65 \$ 000
Brandões para a Semana Santa . . . . .	7 \$ 500
Missas pela Alma do Sere- nissimo Infante D. Hen- rique . . . . .	60 \$ 000
	<b>Somma rs. 2:264 \$ 500</b>

A despeza com o Cabido é sempre a mesma. Ainda que algumas Cadeiras estejam vagas, reparte-se o seu vencimento pelos Conegos existentes.

*Freguezias de todas as Ilhas. (s)*

S. Antão	{ 1 Vigario } { 2 Curas }	120 \$ 000
Bõa Vista	{ 1 Vigario da Matriz . . . . .	50 \$ 000
	{ 1 dito do Nor- te . . . . .	50 \$ 000
Brava . . . . .	{ 1 dito . . . . .	50 \$ 000
	{ 1 Coadjutor, e Thesourei- ro. . . . .	40 \$ 000

(s) As Freguezias de todas as Ilhas são actualmente 28, como se pôde vér do meu Prospecto-Statistico: a saber — S. Tiago 11 — Fogo 4 — Erava 2 — Maio 1 — Boa Vista 2 — S. Nicoláo 2 — Santo Antão 5 — S. Vicente 1. Só a da Villa da Praia é que tem Coadjutor pago pelo Estado — todas as outras tem só 1 Vigario, e 1 Thesoureiro.

(L. de L.)



Maio . . . . .	{	1 Vigario . . . . .	50 \$ 000
		1 Coadjutor . . . . .	35 \$ 000
		1 Thesoureiro . . . . .	5 \$ 000
S. Nicoláo	{	1 Vigario da Matriz . . . . .	50 \$ 000
		1 d. <sup>o</sup> da Queimada . . . . .	50 \$ 000
		1 Cura da Lapa . . . . .	35 \$ 000
		11 Vigarios das 11 Freguezias, incluindo o Cura da freguezia da Sé a 40 \$ 000 . . . . .	440 \$ 000
		1 Coadjutor da Cidade . . . . .	40 \$ 000
		1 dito da Villa da Praia . . . . .	21 \$ 000
S. Thiago	{	1 Thesoureiro da freguezia da Sé . . . . .	20 \$ 000
		10 Thesoueiros das outras 10 Freguezias, a 5:000 rs. . . . .	50 \$ 000
		Fabricas das 10 diias a 5:000 rs. . . . .	50 \$ 000
		37 Somma rs. . . . .	1:059 \$ 000

Das 11 Freguezias, em que se divide a Ilha de S. Thiago só as duas da Cidade, ou da Sé, e da Villa da Praia, tem Sacramento: em todas as mais só na occasião da Missa se póde commungar.

#### Professores.

I de Moral no Convento dos Religiosos Capuchos . . . . .	80 \$ 000
I de Latim . . . . .	60 \$ 000
2	Somma rs. 140 \$ 000

70 Empregados.

Somma de vencimentos rs. 5:063 \$ 500

#### Rendimento da Fabrica da Freguezia da Villa da Praia.

Sepultura para adulto na Capella Mór . . . . .	10 \$ 000
Dita para pequeno . . . . .	5 \$ 000
Enterro cantado . . . . .	4 \$ 000
Dito resado . . . . .	3 \$ 000
Baptisado . . . . .	240
Officio com Missa solemne . . . . .	6 \$ 000
Responso cantado . . . . .	40
Dito resado . . . . .	20
Ao Thesoureiro d'enterro cantado sendo homem . . . . .	600
----- sendo mulher . . . . .	500
----- cantado a criança . . . . .	400
----- resado á dita . . . . .	200

#### Litteratura.

A pouca duração dos Bispos, e dos Conegos, a grande falta de Sacerdotes, a pouca litteratura de todos elles, provem em grande parte de estar a Sé na Ilha de S. Thiago, uma das mais doentias; e na Cidade da Ribeira Grande, sitio o mais insalubre de toda a Ilha. D'alli nasce o receio, que tem de virem para esta Provincia os Sacerdotes, e Mestres de Portugal, e o indisivel prejuizo da falta d'elles.

#### Cathequistas.

O Alvará de 7 de Janeiro de 1698 ordenou que nas Ilhas, e Praças de Cabo Verde houvesse Cathequistas praticos nas linguas dos Negros de toda a costa para que nas suas proprias linguas os podessem instruir para receberem a agua do Baptismo—Que os Senhores dos escravos assim que chegassem a qualquer dos portos da Provincia, ainda que fosse para se demorarem pouco, ou alli tocassem por escala, fossem obrigados a recorrer a Cathequistas, cujo trabalho devidamente pagariam—Que, sendo possivel, se fizesse uma Casa grande em Cacheu, que servisse de escravaria, aonde os senhores fossem obrigados a pôr os seus escravos, a fim de serem ensinados pelos Religiosos Cathequistas. Todas estas disposições estam sem uso.



*Dizimos.*

Paga-se do milho — feijão bonge — arroz — aguardente — mel — assucar — mandioca — alguns tambem o pagão do côco e da banana. Paga-se tambem da criação das vaccas, ovelhas, cabras, e da manteiga de vacca. De nada mais se paga Dizimo.

Alguns arrematantes dos Dizimos tem pertendido que lho pague tambem do café algum lavrador, que colha maior quantidade d'elle; mas até agora de ninguem o tem conseguido na Ilha de S. Thiago; visto que para isso nem ha costume, nem ordem de alguma Authoridade. A cultura do café pôde por ora reputar-se como em principio nas Ilhas de C. V., como se verá quando no Art. *Vegetaes* se tratar deste genero: convém promover-lo por todos os modos, visto que sendo o terreno tão proprio para esta importante producção se não tem até agora generalizado quanto convém.

*Governadores, que tem residido na Villa da Praia.*

Os Governadores da Provincia em outro tempo residião na Cidade da Ribeira Grande, sendo o Governador Bartholomeu de Sousa de Brito Tigte, o ultimo que n'ella residiu; e Joaquim de Salema de Saldanha Lobo, o primeiro que pelo anno de 1768 fixou a sua residencia na Villa da Praia; imitando-o depois seus successores Antonio do Valle de Sousa e Menezes, Duarte de Mello — Bispo — Antonio Machado de Faria e Maia — Francisco José Teixeira Carneiro — José da Silva Maldonado e Ega — Marcellino Antonio Bastos — e o actual Capitão General D. Antonio Coutinho de Lancastre.

*Educação.*

Em 1773 houve idéa de se mandarem para as Ilhas de C. V. mestres, que estabelecessem o novo methodo d'estudos que na Capital das ditas Ilhas se fizesse um Recolhimento com sua Regente, no qual se educassem as crianças de

tenra idade; e podessem ainda accomodar-se algumas estrangeiras protestantes, que succede alli tocarem na sua passagem para as Indias; e horrorisadas dos perigos, e grandes incommodos do mar, algumas alli desejão ficar. O Conselho Ultramarino em Ordem de 9 de Setembro de 1777 tomou medidas para a execução d'aquellas idéas que nunca chegaram a verificar-se.

Por Provisão do Erario de 8 de Abril de 1794 ordenou-se que á custa da Fazenda Nacional se transportassem para Lisboa os rapazes, que o Excellentissimo Bispo das Ilhas de C. V. escolhesse, e remetteste ao Intendente Geral da Policia para serem instruidos nas Aulas do Castello, ou em quaesquer outras.

Na Cidade da *Ribeira Grande*, e no Convento dos Capuchos, ha duas Aulas, uma de Latim, e outra de Moral. — Em S. Nicoláo ha outras duas, que são hoje regidas por Clerigos de certo sem ordenado pela Fazenda Nacional, nem por outra via que eu saiba. (t) — A Junta da Fazenda da Provincia creou o anno passado uma Cadeira de primeiras Letras na *Villa da Praia* da dita Ilha de S. Thiago com o ordenado de 80 \$ 000 rs. a que depois accrescentou a renda de casas, em que o Professor morasse. Esta Cadeira foi primeiramente provida em um D. Antonio Cabadas, hespanhol, que alli chegou, e que com grande pesar de todos aquelles habitantes foi assassinado, pouco antes da minha arribada a esta Ilha. Succedeo áquelle Professor o Padre José Manoel Delgado, filho da Provincia, que tambem é Cappellão da tropa, lugar pelo qual tem 100 \$ 000 rs. por mez.

*Saude.**A Provincia das Ilhas de C. V. tem*

(t) Nenhuma destas aulas existe hoje em dia — O Convento, quando se abolio tinha só um Frade velho — Estabeleceram-se ultimamente mais algumas Escolas de primeiras letras, mas todas mal providas por a falta de capacidades, e pequenez dos salarios.

(L. de L.)



fama de mui doentia. Em toda aquella Costa d'Africa, e Ilhas adjacentes ha uma molestia endemica, vulgarmente chamada Carneiradas: mas não a ha ordinariamente (trato só da nossa Provincia) se não nas 3 Ilhas de Maio, S. Thiago, e Boa vista (nesta pouco); (q) e nestas mesmas sómente na Estação das agoas. A costa de Guiné é ainda mais doentia do que aquellas 3 Ilhas. As outras 7 da Provincia de C. V., e aquellas mesmas 3 no tempo da sêcca são tão sadias como as boas terras da Europa.

Como arribei á Ilha de S. Thiago durante ainda a estação das agoas, e nunca me recusei a visitar os doentes para que era convidado, por isso, e pelas informações, que tive, das molestias, que todos os annos allí reinavam, conheci evidentemente que Synocho é a sua natureza, bem que nem sempre ha febre continua como Cullen essencialmente julga, mas muitas vezes remittente, e até algumas intermittente. Nos 27 dias, que me demorei na Ilha de S. Thiago nem uma pessoa morreo d'aquellas, que então allí adoeceram, e eu visitei. Treme-se á lembrança das Carneiradas das Ilhas de C. V., porque em toda aquella Provincia, não ha, nem houve nunca um unico Medico.

De Cirurgiões Móres não ha senão 2 lugares na nossa Provincia: um da Villa da Praia da Ilha de S. Thiago, que se acha provido em Manoel Dionizio Furtado com o ordenado de 300 \$ 000 réis pagos pela Fazenda N., e outro das Praças de Bissáo, e Cachêu que distam uma da outra 60 legoas, pagos pela mesma Fazenda: este acha-se vago á muito. Na Ilha da Boa vista ha outro Cirurgião particular, e na do Fogo ha um Hespanhol: nenhum delles porém tem ordenado. (v)

(q) O A. foi tambem mal informado nesta parte — A Ilha de S. Nicoláo, aliás mui importante em suas producções, não gosa com tudo em geral da salubridade aqui indicada, e é mesmo sujeita a frequentes epidemias. Depois de Sant'Yago, ella pode passar pela mais doentia.

L. de L.

(v) As Ilhas de Cabo Verde devem ás perseguições de D. Miguel o possuirem hoje um mui habil Cirurgião Mór, Joaquim Mar-

Em toda a Provincia não ha senão uma Botica e é na Villa da Praia da Ilha de S. Thiago. Manoel Joaquim Bento é o nome do Boticario, que ao mesmo tempo que manipula os remedios, trata tambem, e com creditos, de molestias assim médicas como cirurgicas, de toda a qualidade.

São 2 os Hospitaes em toda a Provincia: um militar na Villa da Praia da Ilha de S. Thiago, e outro Civil, ou de Misericordia na Cidade da Ribeira Grande da mesma Ilha. O Hospital Militar foi estabelecido pelo actual Governador, e Capitão General: é sustentado pela Fazenda N., e em uma casa pequena, e essa mesma de renda. O Cirurgião trata allí de todas as molestias, e na sua falta o Boticario suppre as suas vezes. O Hospital Civil da Ribeira Grande é uma casa mais de meio arruinada, que não tem nem Medico, nem Cirurgião, nem allí ha Botica.

Toda a gente da Provincia é, e por necessidade mui mesinheira: presume saber a virtude medicinal de muitas plantas, e dellas se servem nas suas molestias. Os mais ricos tem em casa a sua pequena Botica, que mandam vir de Lisboa, e de cujos remedios se servem nas molestias da sua familia. Alguns até tem aquelles livros de Medecina, que se acham ao seu pequeno alcance. Segundo o que tenho aqui ouvido, e se verá sobre a virtude de algumas plantas nos competentes artigos deste escripto, observações, e experiencias, se devidamente se fizessem na Provincia de C. V., poderiam augmentar muito os artigos da Materia Medica.

tins Franco, natural de Torres Vedras, degradado para ali por *malhado* em 1831 — A sua habilidade lhe grangeou creditos — fez ali um bom casamento — e em 1834 foi despachado Cirurgião Mór dos Hospitaes da Provincia. Elle inspecciona simultaneamente o Hospital Militar, e o da Misericordia; e ambos estão no melhor arranjo. O Ex-Prefeito Martins mandou tambem em 1834 para Guiné um Cirurgião Mór, e Botica, cousa que ha muitos annos lá não havia, a fim de se fundar um Hospital, o qual effectivamente se fundou em Bissáo.

L. de L.



Por avizo de 15 de Junho de 1811 ordenou-se que 2 Alumnos da Provincia de C. V. fossem á custa da Fazenda N. aprender Cirurgia no Rio de Janeiro para a praticarem depois na sua Patria. Esta providencia mostra que são mui boas as intenções do Governo a favor da saúde da Provincia; mas os habitantes de qualquer das Ilhas sadias se vão no tempo das agoas á de S. Thiago, ou de Maio, estão como os Europeos sujeitos á Carneirada: os mesmos de S. Thiago, e Maio se vão logo depois das agoas á Costa de Guiné, estão, da mesma sorte que os Europeos, sujeitos á molestia da terra. Quem está 5 ou 6 annos fóra das terras doentias da Provincia deve receiar muito as molestias na volta. Os Alumnos, que foram aprender Cirurgia ao Rio de Janeiro hão de fazer toda a forga por ficar na Côte, ou pelo menos para não voltar para C. V., como em outro tempo succedeo a todos os que da mesma Provincia se mandaram para o Castello de Lisboa, e que chegaram a ter algum prestimo.

Posto que paga aos poucos, é mui grande a despeza, que se faz com taes Alumnos na passagem da Provincia para a Corte, e n'esta: talvez que com esta despeza, ou pouco mais, que os habitantes da Provincia deveriam dar com gosto, se podesse fazer na mesma Provincia um estabelecimento Cirurgico, que desse pelo menos um Cirurgião com os possiveis principios de Medicina interna para cada uma das Ilhas, e para cada uma das 5 Praças da Costa de Guiné. Quaesquer que sejam as medidas, que se adoptarem para o adiantamento da Provincia de C. V., de nenhuma sorte n'ellas deve entrar por ora a saída de gente da Provincia. Se porém esta se chegar a policar, como é possível, e talvez facil, poderá discurrir-se d'outra sorte, porque imagino que haverá então em C. V. quem attraia, porque agora só ha quem repilla.

Nas Provincias de C. V. ha muito vírus venereo. Este objecto merece providencias analogas ás que S. M. Mandou dar a respeito da Praça d'Elvas, na qual estabeleceu em 1804 á custa da Fazenda

N. um Hospital para prostitutas affectadas daquellas molestias; e de acôrdo com o Governador, e Juiz de Fora dei sobre este objecto providencias, que prudentemente executadas descubriam, e curavam toda a prostituta, de tão horriavel molestia.

Entre os exames, que convem fazer sobre C. V., um dos principaes deve ser o da causa porque só as Ilhas de Maio, S. Thiago, e Boa Vista (q) sejam doentias, e só o sejam no tempo das agoas, e mais em alguns annos do que n'outros, de sorte que os habitantes até reputam periodica tal epidemia. Conviria indagar porque as nossas 5 Praças na Costa de Guiné sejam tanto mais doentias que aquellas 3 Ilhas, que os naturaes dellas, ou os aclimatados alli, padecem como os Europeos a carneirada da Costa de Guiné, se lá vão. (z) Deveria examinar-se porque razão as molestias nesta Costa não são ordinariamente no tempo das agoas como nas Ilhas, mas depois das mesmas agoas. Todas estas circumstancias reclamam estudo sobre os lugares, e providencias.

Por avizo de 29 de Julho de 1799 Mandou-se introduzir, e promover na Provincia de C. V. a Inoculação, o que todavia senão executou.

A Escuna da Fazenda N. trouxe já este anno alguns bexigosos da Costa de Guiné, os quaes estabeleceram o contagio na Ilha de S. Thiago, d'onde se propagou a todas as outras, morrendo por essa occasião muitos centenares de pessoas de todas as cores. Muitos annos havia que nas Ilhas não tinham apparecido bexigas.

(z) Faça-se mais justiça á Costa de Guiné—O facto é que nenhum natural de Sant' Yago padece a carneirada na Costa, e pelo contrario os naturaes da Costa padecem muito em Sant' Yago. Os naturaes das outras Ilhas soffrem a carneirada na Costa como os Europeos; mas uns e outros por uma vez sómente, depois da qual ficam completamente aclimatados: — não acontece assim em Sant' Yago, aonde todos os annos se padece. Vê-se pois que a Ilha de Sant' Yago (e só ella) é mais doentia, sobre tudo no tempo das agoas, do que a Costa de Guiné.



Entre os Escravos, que vinham da Costa de Guiné alguns confessavam que tiveram no seu paiz a bexiga comprada: estes não foram atacados na proxima epidemia: dão aquelle nome ás bexigas inoculadas porisso que pagam a quem lhes faz a operação. Julga-se que o Mandinga Mouro, Nação Gentia d'aquella Costa, espalharia alli a molestia, e a pratica da inoculação por ser entre todos o mais experto, e traficante.

Seria em mim um pedantismo imperdoavel interpôr o meu juizo na parte relativa a Historia natural, vista a minha falta de conhecimentos neste ramo: parece-me comtudo esta descripção bastantemente exacta na parte, que está ao meu alcance; e tão sómente accrescentarei algumas observações sobre a *Urzella*, *Caffé*, *Tabacco*, e *Purqueira*.

A *Urzella* rende hoje de 80 a 100 contos de réis liquidos para o Thesouro Publico de Portugal — Ha nas Ilhas um Administrador Geral com seus Delegados em cada uma dellas: estes comprão-a aos Urzelleiros a 45 rs. a libra, fornecendo-lhes os Carros necessarios para o apanho — armazenam-a — e no tempo proprio o Administrador Geral a faz condizer em pequenas embarcações para bordo do Navio, que a transporta a Lisboa, percebendo por todo o trabalho, e despesa até o embarque, avango do Capital para a compra, premio de seguro etc. 6 pês sobre o Capital empregado; — o frête é de 2 \$ réis por quintal. Se o Governo Portuguez se deliberasse a fazer reverter ametade do lucro liquido da *Urzella* em favor daquella Provincia durante 5 annos sómente, a sua riqueza cresceria a tal ponto, que logo no primeiro anno seguir-se-iam as rendas publicas se veriam alli duplicadas.

O *Caffé* de Cabo Verde é por sua superior qualidade uma das mais ricas produções daquellas Ilhas. A sua cultura tem augmentado muito nos ultimos annos, sobre tudo no de 1835 (graças á benefica providencia, que eu pude obter do Governo — em se obrigar a compra-lo durante 10 annos a 70 réis a libra a quem lho quizer vender — e á procura que delle em feito os Francezes do Senegal); e é de esperar que augmente mais. Eu calculo hoje a plantação do *Caffé* em todas as Ilhas em 1:000 \$ 000 de pés, que no fim de 4 annos (tempo que os Cafetaes exigem para comegar a produzir) devem fornecer 4:000:000 libras, equivalente de 300 a 400 contos de réis — Esta produção pôde ainda augmentar-se muito; e imagine-se quanto augmentarão

Vaccina é coisa de que ainda senão usou na Provincia de C. V.; e de grande necessidade é a sua introduccão.

#### Animaes.

Algumas das Ilhas são abundantes emgado cavallar (de que faço um artigo sobre si,) no vaccum, ovelhum, e cabrum,

por este lado os rendimentos publicos.

O *Tabacco* das Ilhas de Cabo Verde é igual em qualidade aos de *Kentucky*, e *Virginia*, como informaram os Caixas actuaes do Contracto do *Tabacco*, a quem appresentei algumas amostras do da Ilha do Fogo (depois de uma demora de 8 mezes na Alfandega) e muito proprio para a manipulação do *Rapé*. — Ha muitas terras improprias para outra cultura, aonde se poderia colher muito deste genero; — mas eu receio que a indolencia natural áquelles povos os embarace de fazer qualquer tentativa, se o Governo não estipular alguns premios aos primeiros cultivadores.

A *Purqueira* é uma especie de mato comum nestas Ilhas, cujo azeite pode ser um manancial de riqueza para a Nação — Acaba de se formar uma companhia para este fim, a qual, se prosperar, poderá seguramente conseguir mui valiosos resultados. O Programa daquella companhia diz quanto ha que dizer sobre este ponto. Seria para dezejar, que o Governo animasse esta empresa tomando algumas acções.

Concluo lamentando, que esta interessante memoria se ache truncada; pois estou persuadido, que no seguimento, que nos falta, seu illustre Author não omitiria certamente importantes considerações sobre os piscosos mares daquelle Archipélago, que tanto nas bahias, e enseadas das Ilhas (sobre tudo as do N.), como no extenso parcel, que se estende por leguas a E. do Baixo de João Leitão, fornecem pescarias, que poderiam empregar muitos milhares de braços, e cujo peixe salgado com o Sal daquellas Ilhas contribuiria a libertar-nos do Bacalhão estrangeiro.

Comtudo parece-me, que mesmo tal qual se acha esta memoria, a Sociedade dos Amigos das Letras fará um grande serviço ao Publico inserindo-a no seu Jornal.

Lisboa 25 de Fevereiro de 1836.

O Socio, José Joaquim Lopes de Lima.



de que allí se vão provêr muitas Embarcações, que navegam dos Portos do Norte para a Asia, em burros bravos, cujas peles tem sido importante ramo de commercio.

Thomaz da Costa Ribeiro, Capitão Mór da Praça de Pharim, subalterna de Cachêu, tinha no anno de 1800 para mandar para Lisboa um sinsim (como burro) — 1 onça — 2 porcos espinhos — 1 gato de algália — 1 elephante pequeno — e 1 lobo. Tudo morreu antes de haver embarcação, que os quizesse conduzir.

No mesmo anno de 1800 mandou-se para Lisboa uma mulinha anã, de 3 annos, com 4 palmos de altura, mui mansa, e andeja.

Por aviso de 5 de Outubro de 1773 recommendou-se a remessa d'Antas, e d'outros animaes, que se descobrissem.

#### Relação d'algumas Aves das Ilhas de Cabo Verde.

##### Terrestres.

Chicherote — Pardal — Codorniz — Gallinha do mato, ou d'Angola, brava, e doméstica — Pomba brava — Pomba mansa.

Andorinha — Coruja — Corvos são immensos: fogem pouco da gente, e até andam em cima dos burros, e dos porcos. — Faleão, Gavião — Manoel lobo, chamado Jugudy em Bissão, do tamanho do Perú: associam com os Minhotos — Milhafre — Minhoto — Passarinha, do tamanho de Tordo, bico encarnado, corpo branco, e azul, mui lindo — Pastor, como Pardal: canta bem — Rouxinol.

##### Aves Aqualicas.

Alcatraz — Cagarra — Corvo do mar — Flamengo — Garça branca — Garça parda — Maçarico — Rabil — Rabo de junco.

Por Aviso da Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Dominios Ultramarinos de 16 de Abril de 1773 ordenou-se ao Governador das Ilhas de C. V. que remetteste para as Quintas d'El Rei

todas as qualidades de passaros, que houvesse nas mesmas Ilhas. — O mesmo se tornou a recommendar por outro Aviso de 5 de Outubro de 1773, particularmente a remessa do *Pica flor*, e *Grana-deiros*. — Insiste-se sobre o mesmo objecto por outro Aviso de 4 de Maio de 1774, e recommenda-se particularmente o *Lyns*, e *Azulões*. Outra vez por Aviso de 16 de Julho de 1774 recommendou-se principalmente a remessa do *Pelicano*, *Pomba verde*, e *Periquitos*. — Outro Aviso de 26 de Abril de . . . a recommendar o mesmo, principalmente *Paguins* brancos, ou côr de perola: exceptua-se *Cotias*, *Araras*, e *Papagaios*, que não tenham alguma novidade.

Em 23 de Maio de 1801 forão remettidos para Lisboa preparados *Flamengos*, e *Passarinhas*.

#### Vegetaes de Cabo Verde, alguns dos Indigenos, e cultivados.

*Abobora*, *Caqueta*, *mansa*, e *roca*. A abobora *Caqueta* é silvestre de côr cinzenta, da figura e tamanho de uma laranja, é boa, e mui saudavel. A abobora *mansa* é semelhante á de Portugal, e faz-se della o mesmo uso que cá. Abobora *roca* é de côr de chumbo, e muito saborosa.

*Abrolho*. *Açafrão*. *Agrião*. Cultivado, e silvestre. *Aipo Albi*, Arvore mui grande, e muito boa madeira. *Alecrim*, Ordinario, e silvestre. *Alface*, Plantam-ordinariamente entre os pés da mandioca. *Alfarrobeira*, Macho e femea. *Alfazema silvestre*. *Algodoeiro*, cultivado, e silvestre. E' amarello, côr de ganga, e branco: aquelle mais forte que este. A primeira vez que se semeou, e cultivou nas Ilhas de C. V. foi pelo anno de 1795.

A lavoura deste interessante vegetal faz-se ordinariamente em terras baixas, proximas ao mar. A pesar de prosperar muito em todas as Ilhas tem-se promovido tão pouco a sua cultura, que para os pannos, que nas mesmas Ilhas se manufacturam ainda vem algum algodão do Maranhão.

O cosimento da folha do algodoeiro, em banhos, e a mesma folha cozida, e



machucada, nas *empolas bentas* (*therminthius*) são remédio para resolver, ou suppurar. As nozes do mesmo algodão de baixo de cinzas quentes, tirado depois o algodão, e feitas delle bolinhas com mel de abelhas, e aguardente, cura as dores do ouvido.

Em 6 de Maio de 1802 mandou-se para Lisboa o algodão, assim branco como amarello.

*Alho.* Semeia-se ordinariamente entre os pés da Mandioca. *Almiscar.* A semente, como grãos de chumbo: esfregada entre as mãos lança um forte cheiro de almiscar. *Amoreira.* *Ananaz.* Os do paiz tomão o cosimento da raiz na Blennorrhagia. O fructo é muito estimulante.

*Anil.* Na maior parte das Ilhas de C. V. ha espontanea grande cópia da planta, que produz o anil, a qual na Lingua do paiz se chama *Tinta*. Em 1774 purificou-se em Lisboa o anil, que das Ilhas se tinha remettido: achou-se de optima qualidade, e por Aviso de 11 de Julho do mesmo anno ordenou-se que se promovesse este fabrico, e se remetesse para Lisboa a maior porção que fosse possível. Não obstante esta importantissima ordem hoje só se colhe a planta necessaria para tingir os poucos pannos, que na terra se manufacturão.

Em 6 de Maio de 1802 fez-se outra remessa de Anil das Ilhas para Lisboa.

Para que a côr do Anil seja mais fixa, e viva costumam ajuntar-lhe a casca da alfarrobeira, do côco, de tamarindeiro, do espinho preto, do zimbrão de cabra, da urzela etc, ou passar os pannos depois de tintos pelo cosimento de qualquer d'aquellas substancias.

*Arcadentes.* *Arroz.* *Arruda.* Silvestre, e cultivada: serve para muitos remedios.

*Artemisia.* *Avelleira.* *Avenca.* *Azedinha.*

*Azeitona.* Os do paiz dão o nome de azeitona á propria oliveira, e até ao sitio, em que ha alguma. Ha cousa de 18 annos, que por ordem de S. M., e por via do Capitão Joaquim Pereira na sua fazenda da *Cajumbra*, 5 leguas da Villa da Praia, em lugar fresco, e até junto d'água, e em boa terra se plantaram duas estacas. Ambas pegaram, e medraram, porém nunca produziram,

nem uma azeitona. Seu dono cortou uma d'ellas haverá dous annos para desafrontar outras arvores visinhas, mas a outra ainda hoje se conserva.

Havia outra Oliveira na fazenda da *Trindade* do mesmo Coronel, uma legua da Villa da Praia: era mais antiga que as antecedentes, nem havia noticia da sua origem: da mesma sorte nunca produzia nem uma azeitona. Foi arrancada, tambem haverá dous annos.

Na pequena povoação de *S. Francisco*, uma legoa da mesma Villa da Praia, ha outra mui antiga oliveira, que ás vezes, mas raras, produz alguma azeitona.

Não ha noticia de mais oliveiras em todas as Ilhas de C. V.

*Babosa.* Grande, e conhecido medicamento.

*Bagueche.* O seu fructo é mui acido, as folhas tambem. Os escravos temperam com isto o seu arroz, cerêm etc.

*Balanço.*

*Bamedo.* O seu fructo é do tamanho de grão de bico: descascado come-se, e é doce. Na Ilha do *Fogo*, aonde esta fruta é melhor, quando se manda vir doce para a mesa, é a mesma fruta.

*Bananas.* Ha-as de duas especies, a saber a *Banana da terra*, e *Banana de S. Thomé*: havendo de qualquer d'ellas duas variedades, uma maior, outra menor. As de *S. Thomé* tem-se por mais saudaveis, e tanto que se dão assadas aos doentes das febres proprias do paiz.

*Barrele de Padre.*

*Batata.* Ha-a de duas especies: *doce* e *americana*. Esta é como a de Portugal, e della se faz o mesmo uso: da primeira faz-se muito bom doce, e tambem se come cosida, assada etc.

*Batata de porco.* E' silvestre. A sua raiz apanhada no mez de Maio serve de purgante, e em vez de Jalappa. A dóse no mesmo mez de Maio é uma oitava, nos outros porem deve ser um pouco maior.

*Beldroega.* E' espontanea, e em muita abundancia. Fazem-se com esta planta muitos remedios. Servem-se do cosimento adoçado com assucar para curar blenorragias.



*Basago.* Ha-o branco, e preto.

*Berbilhaca,* ou *Hervilhaca.*

*Birguilana.* Em tudo semelhante ao fundo. *Bólimbóle.* *Bolsa de Pastor.* *Bombardeirinha.* *Bombardeiro.* *Bongaló.* *Bonina.* *Borragem.* *Bolãozinho.* *Bredos.*

*Bringela.* E' silvestre. O seu fructo é amarello, da forma de pepino, mas pouco mais grosso, e mais curto, do qual só para remedios se servem. *Butua,* ou *Parreira brava.* Planta mui medicinal entre os mesmos do paiz. *Cabaço.* *S. Cactano.*

*Caffé.* Antonio Leite, Feitor da Fazenda N., e Administrador, que foi da extincta Sociedade exclusiva do negocio das Ilhas de C. V., residente na Ilha de S. Nicoláo, foi o primeiro que haverá cousa de 28 annos cultivou o Caffé na Provincia, semeou 5 sementes, que obteve, as quaes prosperáram, e produziram muito bem. Alguns habitantes da Ilha de S. Thiago obtiveram algumas, que semeáram, e igualmente prosperáram. O Coronel Joaquim José Pereira residente na Villa da Praia da Ilha de S. Thiago mandou vir uma porção de Caffé das Westindias, e obteve tambem um sacco d'elle de José Antonio Dias, Capitão Mór da Ilha de S. Nicoláo genro do mencionado Leite, já então falecido, que foi de todos o melhor caffé. De todas estas sementes se propagou por todas as Ilhas a cultura do caffé, que todavia por ora se faz com muito pouco affinco.

Os ventos são muito prejudiciaes ao Caffé, e como as terras sobre o mar são mais expostas ás ventanias, o Caffé não prospéra nellas tãoobem, como no interior das Ilhas, aonde os ventos se não sentem tanto. Caffé, e cana d'assucar vegetam, e prosperam na mesma qualidade de terreno: conviria por isso que sobre o mar, ou nos logares mais expostos a ventanias se cultivasse a cana; e no interior, ou nos sitios mais abrigados se cultivasse o Caffé. E' verdade que a cana, da mesma sorte que o Caffé, não produzirá tão bem nos logares ventosos, como nos abrigados; mas ao publico convirá actualmente mais a cultura do Caffé, que a da cana; porque se houver a-

bundancia de caffé, exportar-se-ha, e virá dinheiro para a terra: e o assucar, e aguardente, até pelas poucas relações commerciaes, que ha com a costa de Guiné, depois da prohibição da Escravatura ao Norte do Equador, consomem-se no paiz com bem pouca utilidade, e talvez prejuizo dos seus habitantes.

Na Provincia de C. V. pouco, ou nada se paga em disimo de caffé, como se disse no Art. *Disimos.*

Em 23 de Maio de 1801, e em 6 do mesmo mez de 1802 foi remettido das Ilhas para Lisboa algum caffé.

*Cajuciro.* O Cajú come-se, e serve para limonada. A folha, que tem dentro da fava, applicando-se a qualquer parte do corpo, corroe-a logo.

*Calebiceira.* E' silvestre, e a arvore mais grossa do paiz. Consta da relação, que se publicou em Londres da viagem de Lord Macartrey á China, que na Ilha de S. Thiago ha uma grande arvore, que tem 56 pés de circumferencia; e na sua grande altura se divide em varios troncos, á qual no paiz se chama *Cabicera*, e por outros *Raobal*, e a quem os Boticarios dão o nome de *adunconica*, e os Ingleses *Monhleys breadtree*. Em 23 de Maio mandou-se para Lisboa a semente desta arvore.

Eu vi, e medi a grossura desta façanhosa arvore, que fica a mais de meia legoa da Villa da Praia; do pé da qual caio outra ainda mais grossa: dá-se-lhe no paiz o nome, que lhe assigno, e em Bissáu chama-se *Cabaccira* talvez em attenção ao seu fructo, que imita o cabaço.

A Calebiceira dá um fructo do feitio, e tamanho de melão pequeno, preto por fóra e branco por dentro. Do miolo faz-se farinha de que alguns pobres se servem para seu sustento, misturando-a as mais das vezes com leite: tambem deste fructo se faz limonada bem agradável.

*Cana de assucar.* Ha muitas nas Ilhas de C. V. Para se propagar planta-se o ôlho da mesma cana, que nenhum assucar dá: do resto desta planta tudo tem prestimo: della se extrahê o assucar, e deste se faz a aguardente, e o vinagre:



tambem della se extrahе o melasso; e certo mѐl mais inferior, a que chamão mѐl de fôrma, do qual usão sómente os escravos, e a gente mais pobre da terra. A cana, depois de se extrahir della tudo quanto se pôde extrahir, é muito bom alimento para engordar as bestas.

A aguardente ordinariamente se vende a 400 réis o frasco, e o assucar 3:000 réis a arroba. As maiores hortas produzem quando muito 120 frasqueiras d'aguardente.

A Sociedade dos Amigos das Letras obrigada por *circunstancias imperiosas* a suspender os seus trabalhos, decido em Sessão de 15 de Novembro ultimo:

- 1.º — Que a sua proxima sessão fique adiada indeterminadamente.
- 2.º — Que uma Comissão composta de cinco membros tome conta do Archivo da Sociedade, liquide as suas contas, e a convoque, *quando, como, e aonde* o julgar conveniente.
- 3.º — Que se interrompa *por em quanto* a publicação deste jornal.
- 4.º — Que, *em compensação* do n.º pertencente ao mez de Setembro, que se deve aos assignantes, se lhes offereça com o 5.º N.º outros numeros anteriormente publicados.

*Da Comissão da Redacção.*

Todas as dividas da Sociedade ficão pagas, já examinadas pela Comissão permanente e as contas geraes e particulares serão pa-

tentes a todos os Socios em casa do Thesoureiro, rua dos poyaes de S. Bento, das 11 horas até ás 2, todos os dias até 15 de Fevereiro de 1837.

O Thesoureiro,

*José Maria Pereira da Silva.*

## ERRATAS.

Por um erro de impressão, ficou interrompida a Obra de Antonio Ribeiro dos Santos depois do ponto onde devia sê-lo, cortando até no meio a palavra *expedição* pag. — 140. Quando se deu por este erro, já elle era irremediavel.

## INDICE.

Continuação da Memoria sobre Litteratura Portugueza, de A. R. dos Santos . . . . . pag.	129
Vocabulario Felup, de J. J. Lopes de Lima . . . . . p.	141
Carta de Affonso d'Albuquerque a El-Rei D. Manoel . . . . . p.	145
Anacreontica, de J. V. P. Maldonado . . . . . p.	145
Traducção de uma Elegia d'Ovidio, por A. F. Castilho . . . . . p.	146
O Porto, Elegia, por J. J. Lopes de Lima . . . . . p.	148
Continuação da Memoria sobre Cabo Verde, de J. F. Castilho . . . . . p.	149
Extracto da Acta da Sessão de 15 de Novembro de 1836 . . . . . p.	160
Aviso do Thesoureiro da Sociedade p.	160

LISBOA: 1836.

TIPOGRAFIA DE J. B. MORANDO,  
Rua dos Calafates N.º 114.



Não tendo sido possível publicar-se este Número no ten. po competente, ajuntamos-lhe o artigo seguinte de um dos nossos Socios. — Lisboa 4 de Fevereiro de 1837 — Os RR. —

### UM ENTERRO.

O sol acabava de esconder-se no horizonte, e o ultimo dos seus raios levava apóz si a claridade do dia: uma estrella, solitaria ainda, brilhava na abobada ceeste, como aquella que se adiantara para dar avizo de como a noite hia desdobrar o seu véo misterioso sobre as grandezas de metade da esfera; e eu passeava sozinbo no Forte desguarnecido do Monte de S. João, contemplando o theor melancolico da natureza, no momento em que o dia que fenece entra de todo no dominio do passado. Atravez da nuvem azulada que do valle fronteiro começava a elevar-se para se estender sobre as montanhas que lhe servem de muro, alvejavão as agoas prateadas do Téjo. Nenhum som perturbava o silencio que parecia sahir do cemiterio proximo a emmudecer os arredores vizinhos; e eu disse em mim: Como tudo aqui vai mudado depois que o Homem do Seculo não tornou mais a vizitar este baluarte! Quando elle combrios, e valor de quem era, trabalhava com os seus em levantar estes muros, em cavar estes fossos, e em formar estas palissadas para defender a cidade, que alli se esconde, tão ingrata, atraz daquella montanha, este lugar resplandecia então com todos os ornamentos da sua gloria! A Liberdade tinha então aqui tantos valedores! e nenhum d'elles cansava nem descansava! Os eccos d'alleu, agora tão silenciosos e adormecidos, não repouzavão nunca! esta fortaleza d'onde pela boca dos canhoens sabia tantas vezes a destruição dos inimigos, agora desartilhada, e tão só, ou deixa acreditar que ja não ha que defender, ou de tão vizinha que he do campo dos mortos, parece o castello on-

de a morte vem velar pelo seu imperio, a atalaia onde ella vem contemplar sorrindo o movimento vão das cidades, as fadigas inuteis dos homens!...

Nisto meditava eu, quando um rodar de carroagens descompassado e vagarozo, veio cortar-me estes pensamentos; e debruçado pelo parapeito, eu vi que o ultimo enterro do dia subia lentamente o caminho do cemiterio. Um côche, que a vaidade não escuzaria na ostentação d'um triumpho, conduzia um caixão mortuorio coberto d'um pau negro recamado d'ouro: as tochas que o cercavão despedião o clarão pallido da luz que arde na auzencia da noite, ou na presença dos mortos: a Cruz da redempção levada pelo Ministro do Altar sanctificava esta pompa funebre: pensativos alguns homens, e vestidos de preto formavão o cortejo.

Atrahido então pela religião deste aparato solenne, ou medroso de ali ficar só quando elle desaparecesse, eu segui o sahimento; e como o côche parava á porta do terreno consagrado aos tumulos, o bronze do Mosteiro proximo lembrava ás Virgens que o habitão que era tempo de agradecer ao Senhor os beneficios do dia que passava; e este som lugubre lançou na minha alma uma tristeza desconhecida.

Seis homens levirão o caixão á borda da sepultura; e quando um daquelles que devião cobri-lo de terra o abriu, como que para dar testemunho de que ali dentro havia um finado, eu vi um cadaver de mulher, e atravez da pallidez, e dos estragos da morte, conheci que a deixára a vida quando a primavera da existencia a abandonava: então um dos homens que a havião acompanhado neste ultimo passeio do mundo se adiantou, e com uma voz, que assim como o semblante deixava entender que o coração trajava o luto de que se vestia, disse: « Énte unico, que mereceste do melhor dos nossos Genios o titulo de Mulher Incomparavel, descansa em paz na morada dos mortos, em quanto a tua alma repouza bemaventurada no seio do Creador. Quando as estrellas formarem ao teu sepulcro um docel brilhante, o vento que então so-



prar ha de trazer-te no silencio da noite os ais afflitos do teu espozó, os suspiros da tua amiga, a saudade dos que te conhecêrão, e o respeito de todos! Ligada pela natureza, e pelo himeneo ás grandezas litterarias da nossa patria, tu mostraste pelo teu espirito, pelo teu amor ás letras que nas tuas veas circulava o sangue de Ferreira e de Tolentino, e que os teus destinos se unirão a um dos nossos maiores Vates; e como se este merito, por alheio, não contentasse a tua ambição, tu ennobreceste a tua alma por todas as virtudes que cabem n'hum coração de mulher! Quando os teus dias se deslizavão no *Mosteiro solitario, entre as montanhas e o mar*, entregue toda ao estudo, e á tua amiga, tu salvaste o teu coração, e o teu espirito d'essa vaidade fria, dessa sensibilidade falsa, que na idade das graças costuma arrebatá-lo ao commum do teu sexo a candura, a felicidade, e o repouzo! Foi no meio d'este viver simples, e encantador, que te surprehendeo esse sentimento magico, *esse amor que nasceu sem semente, que cresceu sem esforços, que enlaçou com as suas raizes toda a essencia d'um homem*, e que de tão bellas flores a cobrio! Amor e Melancolia, Livro incompreensivelmente inspirado, quanto ha de misterioso, e profetico em tuas paginas he hoje revelado, e cumprido!

*Julia, Julia, a sua Julia  
Que elle julgava immortal,  
Não, não foi exceptuada  
Dessa lei universal!*

» Quando, abandonado o retiro sagrado, vieste dar o nome de espozó áquelle de quem foste, de quem és, e de quem serás sempre a amavel Julia, tu offerceste no mais doce dos laços o concórdio encantador da ternura, e da filizoba: o teu espozó, e depois d'elle a tua existencia. Por um prodigio que só o coração explica, tu lhe fizeste esquecer a ingratição com que a natureza o privára do espectaculo das suas maravilhas: desde então nós te devemos quan-

tos pensamentos durante um meio lustro entrarão nessa imaginação poetica; tu foste desde então o objecto ou a origem de quanto ha de sublime em suas composições brilhantes! era a luz dos teus olhos que lhe dava as delicias que nos livros se encontrão; era a delicadeza do teu espirito que lhe apontava o que ha de mais bello ou na linguagem pura dos nossos classicos, ou nas idéas felizes dos authores mais prezados; era na tua alma que elle estudava as mais finas maximas da virtude; era na exactidão das tuas descripções que elle via os quadros que tão mimozas e fielmente nos pinta, e eras ainda tu que trasladavas da sua alma as expressões, e os pensamentos de que se enriquece a nossa litteratura!

» Se as convulsões politicas que nos agitão a Patria, alguma vez o roubavão a essa atmosfera d'amor, e de poesia de que sabias cerca-lo; tu lhe lembravas que a Liberdade proclamada pela virtude merece os cultos, e os sacrificios dos homens quando os protege com a magestade de Deozá; e alcançaste convence-lo de que a esse terreno d'ambições, onde debaixo do escudo da Patria campea quasi exclusivamente a ociosidade inquieta ou a immensidade das pertencções, era mal vindo a contender o Genio dado ás Muzas, o amigo da perfeição social atraz da qual correm os seculos sem esperanza d'obte-la!

» Modesta, e simples tu davas ás convulsões da sociedade quanto era mister para evitares o que ali ha de frivolo, ou a censura injusta d'uma affectação meditada!

» Honrando-te com os deveres d'espozó carinhoza e terna, desprezavas a reputação a que o teu talento te dava incontestavel direito, e como um som desafinado e falso fere um ouvido afinado e harmonico, a tua alma delicada estremecia com a idea de qualquer gloria que te não viesse inteira do espozó que adoravas!...

» E porque, esta existencia, da qual nem um só momento foi envenado pelo remorso, senão todos adoçados por uma voluptuidade tão honesta e pura, não



foi mais do que um sonho encantador? porque um brilhar d'estrella tão mimosa não devia durar mais do que o clarão efemero do meteoro?... Não podia a morte esquecer-te, ou contar uma existencia menos cara? Tu eras tão feliz com o amor do teu espozo!... Oh! como ella he terrivel, essa condição; que nos traz sempre suspensos entre a ventura e a desgraça, entre um sorrir e uma lagrima!... Uma doença cruel, contra a qual não valerão nem os esforços da sciencia, nem as preces fervorosas das virgens de quem foste a companheira, e a amiga sempre lembrada, roubou-te á vida, anniquilou d'um só golpe duas existencias, enlutando muitas!

» Ente unico, Mulher incomparavel, que á força de afabilidade, e de canduia, obrigaste os que te conhecerão viva a chorarem-te morta, descansa em paz no campo do repouzo, em quanto a tua alma brilha bem-aventurada no seio da Eternidade!

Como estas palavras forão ditas, o caixão fechado á chave foi descido á sepultura, e eu estremei horrorizado com o estrondo da primeira terra que sobre elle cahio! Com os olhos fitos sempre na cova o homem que havia fallado esperou immovel que ella fosse de todo cheia; e quando tudo foi acabado, dirigindo-se ao guarda do cemiterio, disse-lhe, que em quanto a saudade do seu amigo não assignalasse d'outro modo o lugar onde ficava a sua espoza, fizesse escrever, e conservar sobre a campa estas palavras. —

*D. Maria Izabel de Baénna Portugal,  
Mulher d'Antonio Feliciano de Castilho. Faleceo no 1.º de Fevereiro de 1837.*

\* \* \*

Por J. J. D. Lopes de Vasconcellos.

---

LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DO EXAMINADOR RUA DA CONDEÇA' N.º 23.

1837.



Como estas palavras são ditas, o  
 coração fechado a chave do destino  
 apertada e os ventos furiosos  
 com o estorbo da paixão, que  
 sobre o capitel da escultura  
 que se ergue o homem que há de  
 do espólio imortal, por esse  
 toda coisa; e quando todo o mundo  
 desce, e se o mundo se desce, a  
 a terra, que em quanto a vida do  
 nunca não se desce, o mundo  
 a fazer tudo, há de a sua  
 esse ser, e o ser, e o ser,  
 as estas palavras.

D. Maria Isabel de Hojós  
 Lisboa, 17 de Junho de 1833.  
 Para J. D. Lopes de Vasconcelos.

loi mais do que um sonho encoberto?  
 porque me dilatar a sombra das  
 se não devia dar mais do que a  
 não d'isso de d'isso?... Não  
 a morte expor-se, de cánticos  
 tanta paixão de? Tu que és  
 com a alma do teu espírito... O  
 me esta de sentir, sem sentido,  
 os flux sempre sempre entre a  
 tua e a dor, e a dor, e a dor,  
 tua legião... Um homem  
 gente a qual não se dá para  
 forças da razão, não se dá  
 vovoz das virgens do que é  
 guarda, e a vida sempre, e a  
 indolente a vida, e a vida, e a  
 e isto não, e a vida, e a vida,  
 vel, que é feita de alibis, e de  
 também, e a vida, e a vida,  
 que no campo do tempo, em  
 a tua alma bella, e a tua alma  
 são as palavras!

LISBOA  
 DE TIPOGRAPHIA DE J. D. LOPES DE VASCONCELOS  
 1833